

SIMON SCARROW

PRETORIANO

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para a Carolyn

Como sempre, a minha primeira dívida de gratidão é para com a minha esposa, Carolyn, que verificou cuidadosamente cada um dos capítulos à medida que este romance era escrito, e que me atura sempre que me embrenho completamente numa história.

PERSONAGENS

Na Guarda Pretoriana

TRIBUNO BALBO — Comandante de uma coluna de transporte de moedas de prata

CENTURIÃO GAIO SÍNIO — Um traidor ambicioso

TRIBUNO BURRO — Comandante da Terceira Coorte de Pretorianos

CENTURIÃO LURCO — Comandante, embora praticamente a meio-tempo, da Sexta Centúria da Terceira Coorte

OPTIO TIGELINO — O frustrado adjunto de Lurco

GUARDA FÚSCIO — Um recruta ainda verde, que se julga um veterano

PREFEITO GETA — Comandante da Guarda Pretoriana

No Palácio Imperial

IMPERADOR CLÁUDIO — Um governante justo, embora nem sempre coerente

IMPERATRIZ AGRIPINA — A sua esposa e sobrinha, e também mãe de

PRÍNCIPE NERO — Um rapaz amigável, com ambições artísticas

PRÍNCIPE BRITÂNICO — Filho de Cláudio, astuto mas distante

NARCISO — Secretário imperial e conselheiro próximo de Cláudio

PALLAS — Outro conselheiro, próximo do Imperador e também da Imperatriz

SÉTIMO — Um agente a mando de Narciso

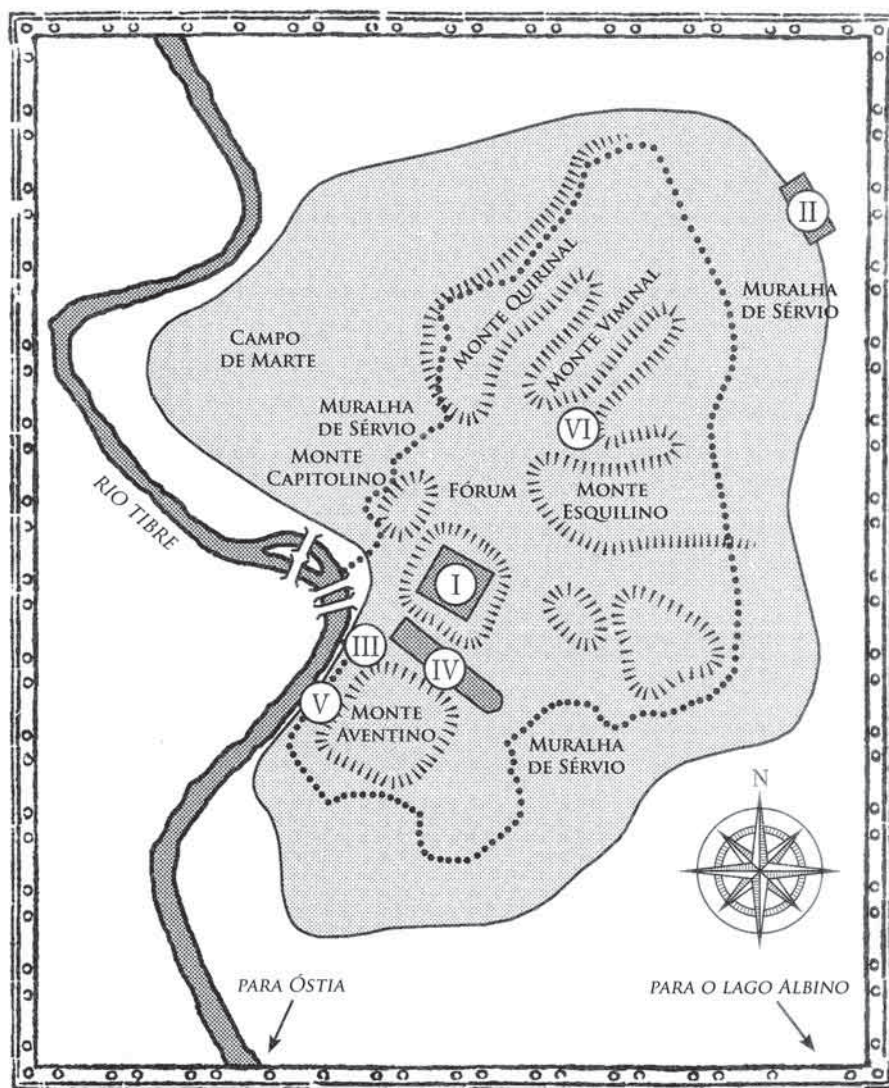
Em Roma

CÉSTIO — Um bandido sem escrúpulos e malévolo, chefe de um bando de meliantes

VITÉLIO — Ricaço e ocioso filho de um senador, e inimigo de longa data de Macro e Cato

JÚLIA SEMPRÓNIA — A adorável filha do senador Semprônio

ROMA NO TEMPO DO IMPERADOR CLÁUDIO



I COMPLEXO DO PALÁCIO IMPERIAL

IV CIRCO MÁXIMO

II QUARTEL DA GUARDA PRETORIANA

V ZONA DOS ARMAZÊNS

III BOÁRIO

VI SUBURA, O BAIRRO POBRE

Havia já dez dias que o pequeno comboio de vagões cobertos percorria a estrada quando finalmente atravessou a fronteira e entrou na Gália Cisalpina. As primeiras neves já tingiam de branco as altaneiras montanhas a norte, e os picos reluziam, alvos, recortados contra o céu azul. O inverno precoce tinha ainda assim sido clemente para com os homens que acompanhavam a pé os vagões e, apesar de o ar se manter frio e agreste, nem um pingo de chuva tinha caído desde que tinham deixado as instalações da cunhagem imperial na Narbonesa. As baixas temperaturas tinham feito gelar toda a humidade, criando uma crosta rija sobre a estrada, a qual facilitava a progressão das pesadas carroças.

O tribuno pretoriano que comandava o comboio tinha feito adiantar a montada até alcançar o cimo de uma crista na estrada, e aí deteve o avanço do animal. À sua frente desenhava-se uma longa reta que subia e descia ao sabor da topografia. O tribuno avistava claramente Piceno, uma povoação ainda a alguns quilómetros de distância, onde devia encontrar-se com a escolta montada enviada de Roma pela Guarda Pretoriana — o corpo militar de elite a quem cabia proteger o Imperador Cláudio e a sua família. A centúria de tropas auxiliares que tinha escoltado as quatro carroças desde que se tinham posto a caminho regressaria então ao seu aquartelamento junto às instalações da cunhagem, e deixaria a função de proteger a coluna aos pretorianos que, sob comando do tribuno, a conduziriam em segurança até à capital.

O tribuno Balbo virou-se na sela para observar o comboio enquanto este progredia pela subida até ao ponto onde se encontrava. Os auxiliares eram germanos, recrutados na tribo dos Queruscos, todos eles homens de grande estatura e aspeto feroz, o qual era amplificado pelas barbas hirsutas que se projetavam do interior dos seus elmos. Balbo tinha-lhes ordenado que mantivessem os capacetes enquanto avançavam por entre as colinas, como precaução contra qualquer emboscada montada por algum dos bandos de salteadores que tinham o costume de se aproveitar dos viajantes distraídos. Havia poucas probabilidades de os meliantes se atreverem a atacar aquela coluna, como o tribuno bem sabia. A verdadeira razão para a ordem

que emitira tinha sido o desejo de manter escondidas as gadanhas selvagens dos auxiliares, para evitar alarmar qualquer civil com quem se cruzassem. Embora apreciasse o facto de os auxiliares germanos serem realmente de confiança para um trabalho daquele género, já que deviam a sua lealdade diretamente ao Imperador, Balbo não conseguia deixar de sentir o típico desprezo romano por aqueles homens, recrutados nas tribos selvagens que viviam para lá do Reno.

— Bárbaros — concluiu para si mesmo, enquanto abanava a cabeça. Estava habituado ao brilho e à perfeita compostura das coortes pretorianas, e não tinha apreciado particularmente as ordens que recebera para se dirigir à Gália e assumir o comando de mais uma caravana com moedas de prata enviadas da cunhagem imperial. Depois de tantos anos de serviço na Guarda, Balbo tinha ideias bem firmes sobre qual devia ser a aparência de um soldado, e se fosse o comandante de uma coorte de auxiliares germanos, a primeira coisa que faria seria ordenar que cortassem aquelas malditas barbas e se apresentassem como verdadeiros soldados.

Além disso, sentia falta de todos os confortos que tinha ao seu dispor em Roma.

O tribuno Balbo era o perfeito exemplo de um membro da sua classe social. Tinha-se juntado aos pretorianos e prestado serviço em Roma, subindo nas fileiras antes de ser transferido para a Décima Terceira Legião, no Danúbio, passando aí vários anos como centurião antes de solicitar um regresso à Guarda Pretoriana. Mais alguns anos de serviço sem mácula tinham-no elevado à posição de tribuno e ao comando de uma das nove coortes da guarda pessoal do Imperador. Só tinha de esperar mais uns tempos até se reformar da tropa levando consigo uma apreciável gratificação, para depois assumir um posto administrativo nalguma cidade de Itália. Até já tinha uma em vista: Pompeia, onde o seu irmão mais novo possuía um estabelecimento privado de banhos e ginásio. A povoação situava-se na costa, com uma vista privilegiada sobre a baía de Neapolis, e tinha um número decente de teatros, além de uma bela arena rodeada de tabernas onde era fácil encontrar bom vinho a preço em conta. Não faltava sequer a forte possibilidade de uma zaragata ocasional com os homens da cidade mais próxima, Nuceria, pensou embevecido.

Atrás das primeiras cinco secções de auxiliares vinham as quatro carroças, veículos pesados, cada um deles puxado por dez mulas. No banco de cada uma sentavam-se o condutor e um soldado, e atrás deles viam-se peles de cabra bem esticadas e amarradas, a cobrir as arcas aferrolhadas que ocupavam os leitos dos vagões. Em cada uma das carroças seguiam cinco arcas, e cada uma destas continha cem mil denários acabados de cunhar —

num total de dois milhões, o suficiente para pagar o salário de uma legião durante um ano inteiro.

Balbo não se impediu um instante de devaneio, a pensar no que poderia fazer com uma fortuna daquelas. Mas rapidamente afastou tais ideias. Era um soldado. Tinha feito o juramento de proteger e obedecer ao Imperador. O seu dever era garantir que os vagões chegavam em segurança ao tesouro imperial em Roma. Os seus lábios cerraram-se de irritação quando se lembrou que alguns dos seus camaradas pretorianos tinham um entendimento um tanto ou quanto mais flexível do conceito de dever.

Ainda não tinham passado dez anos desde que alguns membros da Guarda Pretoriana tinham assassinado o anterior Imperador e a sua família. Em boa verdade, Gaio Calígula não passara de um déspota alucinado, mas um juramento era um compromisso solene que Balbo não conseguia conceber que pudesse ser quebrado. Continuava a desaprovar a eliminação de Calígula, embora o novo Imperador, escolhido pelos pretorianos, se tivesse revelado um governante muito mais avisado. Recordou a confusão que envolvera a subida de Cláudio ao trono. Os oficiais responsáveis pela morte do seu antecessor tinham tido a intenção de devolver o poder ao Senado. Porém, quando o resto dos seus camaradas tinha percebido que a inexistência de um Imperador significava também o fim da Guarda Pretoriana, e de todos os privilégios de que beneficiava quem lhe pertencia, tinham-se apressado a considerar opções para um sucessor, e alguém tinha lançado o nome de Cláudio. Enfermo, gago, estava longe de corresponder à figura ideal de um líder do maior Império do mundo conhecido. Mas a verdade é que se revelara, em termos gerais, um governante justo e eficiente, admitiu o tribuno.

O seu olhar prosseguiu até às últimas cinco secções de auxiliares germanos que marchavam atrás dos vagões. Não tinham propriamente um ar marcial, mas Balbo conhecia o seu valor em combate, e a reputação que tinham adquirido era mais do que suficiente para afastar das mentes dos vulgares salteadores de estrada a ideia de atacar a coluna. De qualquer forma, o perigo, por pequeno que fosse, já tinha desaparecido, agora que o comboio começava a descer para a vasta planície do Pó.

Deu um estalo com a língua e pressionou o flanco da montada com as botas. O cavalo resfolegou e pôs-se em movimento, a passo, e Balbo conduziu-o de novo para a estrada, passando pelas fileiras de auxiliares na vanguarda, e pelo seu comandante, o centurião Armínio, até reocupar a posição à cabeça da coluna. Tinham progredido bem. Ainda não era meio-dia e estavam já a menos de uma hora de Piceno, onde aguardariam pela escolta pretoriana, se esta ainda não tivesse chegado à povoação.

Estavam a cerca de três quilómetros de Piceno quando Balbo ouviu o

som de cavalos que se aproximavam. A coluna atravessava um pinhal, cujo aroma forte enchia o ar frio. Um afloramento rochoso encobria a vista da continuação da estrada. Balbo recordou instintivamente os dias que passara no Danúbio, em que o truque favorito do inimigo consistira precisamente em encurralar colunas romanas em locais confinados como aquele. Refreou o cavalo e ergueu a mão no ar.

— Alto! Remover mochilas!

Enquanto os vagões se detinham com um ruído surdo, os auxiliares germanos apressaram-se a pousar na beira da estrada as cangas que levavam aos ombros, onde seguiam dependuradas várias peças de equipamento; cerraram imediatamente as fileiras em torno da coluna. Balbo passou as rédeas para a mão esquerda, preparando-se para empunhar a espada, e perscrutou as sombras que reinavam sob as árvores de ambos os lados da estrada. Nada se movia. O som dos cascos cresceu, ecoando na superfície da estrada pavimentada e nas rochas. Finalmente surgiu à vista o primeiro cavaleiro a descrever a curva por trás do penedo; envergava o manto vermelho de um oficial. O capacete com crista vinha pendurado na sela. Por trás dele apareceram cerca de vinte homens, enrolados em enlameadas capas brancas que os assinalavam claramente como membros da Guarda Pretoriana.

Balbo encheu as bochechas de ar e deixou-o escapar-se com um silvo de alívio.

— À vontade!

Os auxiliares pousaram os escudos e as lanças, e Balbo esperou que a coluna montada se aproximasse. O seu líder refreou o cavalo, passando a um trote que se reduziu a um passo vagaroso nos últimos cinquenta metros.

— Senhor, é o tribuno Balbo?

Balbo examinou cuidadosamente as feições do outro oficial. Aquela face era-lhe familiar.

— Centurão, qual é a senha correta? — demandou.

— As uvas da Campânia estão maduras e à espera da colheita, senhor — replicou o outro, em tom formal.

Balbo fez que sim com a cabeça, ao escutar aquilo que esperava.

— Muito bem. Era suposto que nos aguardasses em Piceno, centurião...

— Gaio Sínio, senhor. Centurião da Segunda Centúria, Oitava Coorte.

— Ah, é isso. — Balbo recordava-se vagamente daquele nome. — Então, o que estás aqui a fazer no meio da estrada?

— Chegámos ontem a Piceno, senhor. Parecia uma cidade abandonada. A maior parte da população tinha ido até um santuário próximo para um festival qualquer, uma coisa local. Por isso, pensei que seria melhor

avançar e vir ao seu encontro e dos seus rapazes. — Fez um gesto a designar os auxiliares germanos.

— Não são meus — resmungou Balbo.

— Bom, senhor, avistámo-lo a aproximar-se, e pronto, aqui estamos. Prontos para escoltar as carroças até Roma.

Por momentos, Balbo contemplou o centurião em silêncio. Apreciava soldados que se mantinham fiéis às ordens tal e qual tinham sido recebidas, e não estava certo de aprovar a iniciativa de Sínio para se encontrar com ele em plena estrada, em vez de o aguardar na povoação, como tinha sido combinado. Os planos para a entrega da prata tinham sido cuidadosamente delineados em Roma havia já mais de dois meses, e todos os intervenientes deviam segui-los à risca. No momento em que alguns oficiais resolviam infringi-los por sua própria ideia, os planos começavam a desmoronar-se. Decidiu ali mesmo que havia de ter uma palavrinha com o comandante de Sínio quando regressassem ao quartel dos pretorianos, às portas de Roma.

— Centurião Armínio! — gritou Balbo por cima do ombro. — Venha cá!

O oficial que comandava os auxiliares germanos apressou-se a responder. Era um indivíduo alto e de ombros largos, cuja armadura mal continha a musculatura do torso. Olhou para o tribuno, exibindo uma barba que aos raios do Sol quase dava a impressão de estar em chamas.

— Senhor?

Balbo acenou na direção dos cavaleiros.

— A escolta vinda de Roma. Serão eles a proteger as carroças daqui em diante. Tu e os teus homens podem regressar imediatamente para a Narbonesa.

O germano cerrou os lábios e respondeu num latim com forte pronúncia.

— Senhor, foi-nos ordenado que fizéssemos a troca de escoltas em Piceno. Os rapazes esperavam poder divertir-se esta noite na cidade, antes de voltarem para trás.

— Sim, pois, mas isso já não será necessário. Além disso, duvido bastante que os habitantes locais apreciassem essa invasão de uma horda germana. Sei muito bem como se portam os teus homens assim que emborcaram uns copitos a mais.

O centurião Armínio franziu o sobrolho.

— Tratarei de garantir que não provocam estragos, senhor.

— Não o farão de todo. Estou a dar-te uma ordem direta para fazeres meia-volta e regressares à Gália de imediato, estás a perceber?

O outro anuiu lentamente, sem esconder o azedume. Por fim, depois

de um curto aceno ao superior, virou-se e encaminhou-se para junto do comboio.

— Peguem nas mochilas! Preparem-se para marchar! Vamos voltar para a Gália, rapazes.

Alguns dos homens resmungaram. Um deles soltou mesmo uma imprecisão em tom elevado na sua língua nativa, obrigando o centurião a repreendê-lo com rispidez.

Balbo olhou para Sínio e comentou, em surdina:

— Não podemos permitir que estes bárbaros de cu peludo vão atormentar os pacatos cidadãos.

— Pois não, senhor, tem toda a razão — concordou Sínio. — Já é suficientemente mau que a guarda da cunhagem e dos comboios de prata tenha sido confiada aos germanos. Devia ser trabalho para verdadeiros soldados de Roma, fossem eles legionários ou uma coorte da Guarda.

— Ao que parece, o Imperador não confia muito em nós — atreveu-se Balbo a dizer. — Nos últimos anos houve demasiados oficiais superiores a entrarem em jogos políticos. E depois nós é que temos de levar com isto. Seja como for, não podemos fazer nada. — Empertigou-se sobre a sela. — Os teus homens que formem em redor das carroças. Assim que os auxiliares se retirarem, poderemos prosseguir.

— Sim, senhor. — O centurião Sínio fez a saudação e voltou-se, para transmitir as ordens aos seus homens. À medida que os germanos, no meio de resmungos, formavam numa coluna simples atrás das carroças, os cavaleiros ocupavam as posições em torno do comboio; daí a pouco as duas forças estavam prontas para seguirem os seus respetivos caminhos. Balbo aproximou-se do centurião Armínio para lhe dar algumas derradeiras instruções.

— Vais regressar à Narbonesa o mais depressa possível. Eu não estarei lá para controlar os teus homens, mas não te atrevas a permitir que causem quaisquer problemas nas povoações que atravessarem no regresso. Entendido?

O centurião cerrou os lábios com força e anuiu.

— Muito bem, podes seguir então.

Sem esperar por resposta, Balbo fez o cavalo rodopiar e seguiu na direção oposta para se juntar ao centurião Sínio, que o aguardava à cabeça da coluna. Fez um gesto com o braço, dando ordem para cavaleiros e vagões se colocarem em marcha. Os condutores fizeram estalar as rédeas e os veículos puseram-se em movimento com um profundo som de trovão, vindo das pesadas rodas com cintas metálicas. O martelar dos cascos das mulas e cavalos ajudava a tornar o ruído quase ensurdecedor. Balbo avançou sem olhar para trás até alcançar o penedo que marcava a curva na estrada. Aí

chegado, espreitou sobre o ombro e avistou a retaguarda da coluna de auxiliares já a algumas centenas de metros de distância, marchando de regresso à Gália.

— E já vão tarde — murmurou para si mesmo.

As carroças e a sua nova escolta fizeram a curva em redor das rochas e enfrentaram uma nova e longa reta a caminho de Piceno, seguindo ainda uns quatrocentos metros por entre o pinhal. Depois de se ter visto livre das tropas germanas, Balbo sentia o seu humor a melhorar. Refreou o andamento da montada até se ver ao lado do centurião Sínio.

— Então, quais são as novas de Roma?

Sínio pensou por momentos e respondeu com um sorriso divertido.

— A nova esposa do Imperador continua a apertar o nó à volta do velhote.

— Oh? — Balbo franziu o sobrolho perante a grosseira referência à Imperatriz.

— Pois. O que se ouve dizer pelo palácio é que a Agripina mandou o Cláudio despachar as amantes para bem longe. Como é natural, ele não se mostra muito entusiasmado com a ideia. Mas essa é a menor das suas preocupações. Sabe aquele miúdo dela, o Lúcio Domício? Ela anda a espalhar a ideia de que vai ser adotado pelo Cláudio.

— Faz sentido — respondeu Balbo. — Não serve de nada fazer o miúdo sentir-se excluído.

Sínio olhou para ele com ar de algum espanto.

— Não sabe da história a metade, senhor. A Agripina está, de forma muito evidente e pública, a pressionar o Cláudio para que nomeie o jovem Lúcio como seu herdeiro.

Balbo arregalou os olhos. Aquele sim, era um desenvolvimento perigoso: o Imperador já tinha um herdeiro legítimo, Britânico, seu filho da primeira mulher, Messalina. Com aquela medida, nasceria uma clara rivalidade quanto ao acesso ao trono. Balbo abanou a cabeça.

— Por que raio haveria o Imperador de concordar com isso?

— Talvez já não possua a lucidez de outros tempos — sugeriu Sínio. — A Agripina anda a espalhar a ideia de que apenas deseja que Britânico tenha alguém que o proteja, e que não há ninguém melhor para isso do que o seu novo irmão mais velho... Alguém que cuide dos seus interesses depois de o Cláudio esticar. E esse dia já esteve mais longe. O velhote anda magro como um palito e tem um ar frágil. Portanto, quando ele desaparecer, parece que os pretorianos vão ter um novo chefe, e que ele será o jovem Lúcio Domício. Uma reviravolta e tanto, hã?

— Sim. — Balbo manteve-se em silêncio enquanto sopesava todas as implicações daquela novidade. Em criança, o filho do Imperador, Britâ-

nico, tinha sido muito popular entre os elementos da Guarda Pretoriana; costumava acompanhar o pai nas visitas ao quartelamento, envergando uma pequena armadura feita à sua medida e insistia sempre em participar na instrução e no treino com armas, o que divertia enormemente os homens. Mas a criança tinha-se transformado num jovem mais dedicado aos estudos. E agora o jovem Britânico ia ter um competidor nas afeições dos pretorianos.

— E há mais, senhor — continuou Sínio em voz melíflua, deitando uma olhadela sobre o ombro, como que para se certificar de que os homens não o ouviam. — Se realmente lhe interessar ficar a saber.

Balbo olhou intensamente para ele, tentando perceber até que ponto podia confiar no outro oficial. Em anos recentes tinha visto muitos homens condenados à morte por darem demasiada liberdade à língua, e não tinha qualquer vontade de se juntar a esses números.

— Há algum perigo associado ao ato de ouvir o que tens para dizer?

Sínio encolheu os ombros.

— Isso só depende de si, senhor. Ou, mais precisamente, depende do primeiro objeto da sua lealdade.

— A minha primeira e única lealdade é para com o meu Imperador. Tal como deve ser a tua e a de todos os homens na Guarda Pretoriana.

— A sério? — Sínio encarou-o frontalmente, e sorriu. — E eu a pensar que a primeira lealdade de qualquer romano seria sempre para com Roma, antes de tudo o mais.

— Roma e o Imperador são uma e a mesma coisa — retorquiu Balbo, em tom firme. — O juramento que fazemos compromete-nos perante ambos. É perigoso afirmar algo de diferente, e aconselho-te a não voltares a tocar nesse assunto.

Sínio contemplou-o por momentos, mas acabou por desviar o olhar.

— Não importa. Tem razão, senhor, claro.

Sínio deixou a montada ficar para trás, até ficar atrás do seu superior. O comboio alcançava o fim do pinhal, e emergia numa zona de terreno aberto. Balbo não se tinha cruzado com outros viajantes desde a madrugada, e não avistava nenhuns a virem da direção de Piceno. Lembrou-se então do que Sínio dissera a propósito do festival. Pouco à frente, a estrada descia para uma cova na paisagem, e Balbo remexeu-se na sela ao avistar algum movimento por trás de uns arbustos raquíticos.

— Há ali qualquer coisa — disse a Sínio. Ergueu o braço e apontou. — Estás a ver? Ali a uns quatrocentos metros, onde a estrada começa a descer.

Sínio olhou na direção indicada e abanou a cabeça.

— Estás cego ou quê? É evidente que há qualquer coisa ou alguém a

mexer-se ali naquela zona. Sim, já vejo agora. Um grupo de pequenos va­gões e mulas no meio dos arbustos.

— Ah, sim, senhor, agora já os distingo. — Sínio observou a área por momentos e prosseguiu. — Pode ser uma caravana de mercadores acam­pada.

— A esta hora do dia? E já tão perto de Piceno? — Balbo fungou, mos­trando desdém pelas sugestões. — Não me parece. Vamos lá ver de perto.

Incitou o cavalo, acelerando pela estrada até perto da mata de arbustos que ocupava a depressão. Sínio acenou à secção mais adiantada de cavalei­ros para que o seguissem, e imitou o seu superior. À medida que se apro­ximava, Balbo apercebia-se de que o número de carros era maior do que primeiro pensara, e avistou também um grupo de homens agachado no meio dos arbustos. A ansiedade que tinha sentido antes da troca de escoltas regressou, como se alguém estivesse a espetar-lhe agulhas frias na nuca. Deteve-se a uns cem passos dos carros e homens mais próximos, à espera que Sínio e os seus homens o alcançassem.

— Isto não me agrada. Aquela cambada está a preparar alguma, apos­to. Sínio, diz aos teus homens para estarem a postos.

— Sim, senhor — respondeu Sínio, sem ponta de entusiasmo.

Balbo escutou o som de uma espada a ser desembainhada e agarrou com força as rédeas enquanto se preparava para liderar o avanço dos guar­das montados.

— Desculpe, senhor — pronunciou Sínio em voz calma, enquanto en­terrava o gládio nas costas do tribuno, entre as omoplatas. A ponta da arma rasgou a capa e a túnica e prosseguiu, dilacerando a carne e ossos até atingir a espinha do oficial. A cabeça de Balbo deu um solavanco com o impacto, e ele soltou uma exalação de espanto, ao mesmo tempo que os dedos, embo­ra crispados, se lhe abriam, soltando as rédeas. Sínio deu uma forte torção à espada antes de a retirar. O tribuno caiu para a frente sobre a sela, os braços descaídos ao longo dos flancos do cavalo. O animal espantou-se, e esse mo­vimento fez com que Balbo escorregasse da sela. Tombou pesadamente no solo e rebolou até ficar de costas. Fitou o céu com os olhos muito abertos, enquanto tentava dizer alguma coisa.

Sínio virou-se para os seus homens.

— Tratem dos condutores, e tragam as carroças para aqui. — Olhou para baixo, para o tribuno. — Peço perdão, senhor. Era um bom oficial, e não merecia este fim. Mas tenho as minhas instruções.

Balbo tentou falar, mas não conseguiu emitir qualquer som. Sentia frio e medo, coisa que não lhe sucedia havia anos. A visão começou a tur­var-se-lhe, e percebeu que a morte se aproximava. Já não seria para ele o tranquilo fim de vida em Pompeia, e sentiu pena por nunca mais voltar a

ver o irmão. A vida do tribuno esvaiu-se rapidamente, e o seu olhar ficou preso ao céu enquanto o corpo jazia imóvel sobre o solo. Na estrada, por trás dele, ouviram-se alguns gritos de surpresa e choque que rapidamente foram cortados quando os condutores das carroças foram eliminados sem delongas. A coluna prosseguiu depois até junto dos carros que esperavam. Sínio virou-se para um homem de físico poderoso que o seguia e indicou-lhe o cadáver do tribuno.

— Céstio, põe-no numa das carroças com os outros. Quero dois homens adiantados na estrada, para não ter surpresas. Outros dois para voltarem àquela curva lá atrás e se certificarem de que os auxiliares não se armaram em espertos e resolveram vir gozar uma folga privada em Piceno.

Os homens com os carros saíram de entre os arbustos e alinharam os veículos mais pequenos na estrada. Seguindo as instruções de Sínio, os baús foram rapidamente retirados das carroças e passados para os carros, um por cada. Assim que ficaram bem acondicionados, foram cobertos com fardos de panos baratos, sacas de cereal e montes de trapos velhos. As equipagens de mulas que tinham puxado as carroças foram desatreladas, e os animais foram distribuídos pelos carros para puxar a pesada carga. Depois de vazios, os vagões foram levados para o meio da vegetação e as rodas foram-lhes retiradas, de forma a ficarem mais baixos e escondidos, e ser impossível vislumbrá-los a partir da estrada. Os cadáveres foram levados para longe e lançados a uma fossa escavada em terreno lamacento, e depois cobertos com ramos secos. Por fim os homens reuniram-se à volta dos carros, enquanto Sínio e mais alguns cortavam vários ramos para disfarçar as aberturas na vegetação, nos locais por onde os vagões tinham sido empurrados, e para apagar as marcas dos rodados. A fina camada de gelo tinha impedido que se formassem sulcos na terra.

— Está bom assim — decidiu Sínio, atirando fora as ramagens que tinha usado. — Senhores, é altura de trocarmos de roupas!

Tiraram apressadamente as túnicas e capas militares e trocaram-nas por vestes civis e variadas, em todos os estilos e cores. Quando os uniformes foram dobrados e arrumados em fardos colocados por trás das selas, Sínio contemplou o grupo. Assentiu, satisfeito; davam todo o ar de não passar de um grupo de mercadores e comerciantes como outros que viajavam com regularidade entre as cidades e povoações da Itália.

— Todos têm as vossas instruções. Vamos sair daqui em grupos separados. Depois de passarem Piceno, sigam os caminhos que vos foram indicados até ao armazém lá em Roma. Ver-nos-emos de novo quando lá chegarem. Vigiem de perto os carros. Não quero que nenhum larápio de meia-tigela dê de caras com o conteúdo dessas arcas. Sejam discretos, de-

sempenhem os vossos papéis, e ninguém suspeitará de nada. Entendido? — Olhou em redor. — Ótimo. Vamos lá a pôr os primeiros a caminho!

Ao longo da hora seguinte, os carros foram deixando a depressão na estrada, sozinhos ou em grupos de dois ou três, a intervalos irregulares, e intercalados com os cavaleiros. Alguns dirigiram-se a Piceno, outros mudaram de direção na encruzilhada à entrada da cidade, rodeando-a por leste ou ocidente e seguindo um caminho indireto para Roma. Quando o último carro partiu, Sínio passou uma última revista ao local. Viam-se alguns rastos feitos pelos carros à partida, muito mais pesados do que antes, e pelos cascos de mulas e cavalos, mas duvidava que pudessem atrair alguma atenção da parte dos viajantes que estivessem a chegar ou a deixar Piceno.

Com um breve aceno de satisfação, Sínio dirigiu a sua montada para a estrada e conduziu-a a passo indolente a caminho da povoação. Pagou a portagem aos guardas à porta da cidade e parou numa taberna para comer uma tigela de guisado e beber uma caneca de vinho quente antes de prosseguir viagem. Deixou a cidade pelo portão sul e seguiu pela estrada de Roma.

A tarde já ia avançada quando descortinou uma pequena coluna de cavaleiros em mantos brancos, que vinha de sul. Puxou o capuz da sua túnica castanha e gasta para cima da cabeça, de forma a esconder as feições, e ergueu uma mão à laia de saudação quando se cruzou com os pretorianos que iam ao encontro do comboio vindo da Narbonesa. O oficial que comandava a coluna ignorou o gesto, e Sínio sorriu para si mesmo quando o imaginou a tentar explicar aos seus superiores em Roma o desaparecimento das carroças e das arcas de prata que transportavam.

Óstia, janeiro de 51 d.C.

O mar estava agitado e mostrava um tom cinzento, exceto onde ténues véus de espuma branca se elevavam no ar, levantados pela forte brisa das cristas das vagas que cresciam à medida que se aproximavam da margem. Acima, também o céu se apresentava carregado, coberto por uma ininterrupta cortina de nuvens baixas que se estendia até ao horizonte. A ajudar ao tom deprimente do cenário, caía uma chuva fina e fria, persistente, que depressa tinha ensopado o cabelo escuro do centurião Macro, colando-lho ao escalpe enquanto ele contemplava o porto. Óstia tinha mudado profundamente desde a última vez que ali estivera, uns anos antes, quando regressara da campanha na Britânia. Nesse tempo, o porto pouco mais fora do que um cais exposto aos elementos onde se fazia o transbordo de passageiros e carga, que iam ou vinham de Roma, uns trinta e poucos quilómetros para o interior segundo o curso do Tibre. Uma série de pontões de madeira projetavam-se da margem para haver onde desembarcar os produtos importados de todo o Império. Um fluxo bastante menor de exportações deixava a Itália para as distantes províncias sob o domínio de Roma.

O porto encontrava-se agora envolto em obras, consequência de um vasto projeto de desenvolvimento ordenado pelo Imperador, parte das suas ambições de fomentar o comércio. Ao contrário do seu antecessor, Cláudio preferia usar o tesouro público para o bem comum, em vez de o delapidar em luxos absurdos. Dois grandes molhes estavam em construção, crescendo como braços titânicos que abraçavam as águas do novo porto. O trabalho não se interrompia por causa das inclemências do tempo no período invernal, e o olhar de Macro repousou por momentos nas infindas filas de pobres escravos acorrentados que empurravam grandes blocos de pedra sobre rolos de madeira até ao fim dos molhes, onde eram lançados ao mar. Bloco a bloco, construía-se assim uma muralha para proteger as embarcações dos assaltos do mar. Mais ao largo ainda, tinha sido criado um quebra-mar. O proprietário da estalagem onde ele e o seu amigo Cato estavam alojados dissera-lhe que uma embarcação, das maiores que alguma vez tinham sido construídas, fora carregada com grandes pedregulhos

e afundada, para fornecer as fundações do quebra-mar. Depois tinham sido lançados mais blocos sobre o convés até emergirem da água, e agora, a pouco e pouco, erigia-se ali um farol. Macro mal conseguia distinguir os pequenos vultos nos distantes andaimes, enquanto eles laboravam arduamente para terminar mais um nível do edifício.

— Antes eles do que eu — resmungou para si mesmo, enquanto puxava o manto sobre os ombros, numa tentativa de melhor se proteger da chuva.

Todas as manhãs dos últimos dois meses, tinha dado aquele passeio ao longo da margem, e o seu interesse pela evolução dos trabalhos no porto tinha ido diminuindo com regularidade ao longo do tempo. O porto, como era normal, tinha um belo conjunto de tabernas e bares bem animados e próximos dos locais de atracagem, para aproveitar ao máximo a clientela de marinheiros regressados de viagens mais ou menos longas e com dinheiro fresco no bolso. Na maior parte do ano, o veterano não teria tido falta de gente interessante com quem partilhar bebidas e histórias. Mas nos meses de inverno o tráfego naval era reduzido, pelo que o porto andava tranquilo e os bares eram frequentados apenas pelos clientes do costume, aqueles para quem o álcool era um bem essencial. A princípio, Cato não se importara de o acompanhar nuns copos de vinho aquecido, mas o jovem tinha começado a meditar sobre a situação: a mulher com quem planeava casar estava a um dia de marcha, em Roma, mas ele via-se impedido de a ir visitar ou até mesmo de a informar da sua presença em Óstia pelas estritas ordens que recebera do palácio imperial. Macro sentia pena do amigo, já que havia quase um ano que Cato não estava com Júlia.

Antes de chegarem ao porto, Macro e Cato tinham estado no Egipto, onde Cato se vira obrigado a assumir o comando de uma força francamente impreparada para repelir uma vaga de invasores núbios. Tinha sido por pouco, refletiu Macro. Tinham regressado à península itálica na expectativa de serem justamente recompensados pelos seus esforços. Cato mais do que merecia ver a sua promoção a prefeito confirmada, tal como Macro merecia poder escolher a legião em que queria ser colocado. Ao invés, depois de apresentarem um relatório a Narciso, o secretário imperial, na ilha de Capri, tinham sido mandados para ali, para aguardarem novas ordens. Fora identificada uma nova conspiração para derrubar o Imperador, e o secretário imperial precisava da ajuda de Macro e Cato para neutralizar a ameaça. As ordens que Narciso lhes dera eram bem explícitas. Deviam permanecer em Óstia, alojados sob nomes falsos, até lhes chegarem novas instruções. O estalajadeiro era um liberto que tinha servido no palácio imperial em Roma antes de receber a liberdade e uma pequena gratificação, suficiente para se instalar em Óstia com aquele pequeno negócio. O secretário imperial

confiava nele para tratar dos dois hóspedes sem fazer muitas perguntas. Era imperioso que a sua presença fosse mantida em segredo de toda a gente em Roma. Narciso não mencionara sequer o nome de Júlia Semprónia. Cato compreendia perfeitamente o alcance daquelas palavras e, nos primeiros tempos, tinha contido a sua frustração. Mas depois o tempo começara a esticar: passou um mês, depois dois, e continuava a não chegar uma nova palavra de Narciso, o que tinha levado ao limite a paciência do jovem oficial.

A única informação que Narciso lhes facultara referia que a conspiração contra o Imperador envolvia uma obscura organização de conjurados cujo objetivo era devolver o poder ao Senado. O mesmo Senado que fora diretamente responsável por conduzir a República a décadas de sangrenta guerra civil, depois do assassinato de Júlio César, considerou Macro com azedume. Não se podia confiar nos senadores, o poder não podia cair-lhes de novo nas mãos. Gostavam demasiado dos seus jogos políticos, e pouco ligavam às consequências que as suas atividades lúdicas produziam para o povo. Claro que havia honrosas exceções, reconheceu para si mesmo. Homens como o pai de Júlia, Semprónio, e Vespasiano, que em tempos comandara a Segunda Legião em que Macro e Cato tinham servido durante a campanha na Britânia. Dois homens decentes, de facto.

Deitou um último olhar aos escravos que trabalhavam no quebra-mar e cobriu-se com o capuz da capa militar. Virou-se e encetou o regresso ao porto, ao longo da estrada que seguia junto ao mar. Também ali se avisavam as evidências do novo surto de desenvolvimento de Óstia. Vários armazéns de grandes dimensões tinham sido edificadas junto ao novo cais, e outros estavam ainda em construção em áreas que tinham sido arrasadas para arranjar espaço para os novos projetos. Percebia-se que quando o trabalho estivesse concluído, aquele seria um porto moderno e eficiente. Mais uma prova do poder e da riqueza de Roma.

O caminho que seguia juntou-se à estrada que levava ao porto, e as suas botas militares de solas cardadas denunciaram, pelo ruído, que tinha passado a caminhar por uma via pavimentada. Atravessou a porta da cidade, com uma ligeira troca de acenos com a sentinela, que já tinha aprendido a evitar cometer a asneira de exigir a portagem de entrada a um legionário. Um dos benefícios de ser um soldado era estar isento de algumas das normas mais irritantes que governavam a vida dos civis. O que era pura e simplesmente justo, considerou Macro, uma vez que era o sacrifício dos soldados que tornava possíveis a paz e a prosperidade que se viviam no Império. Tirando, evidentemente, aqueles ociosos poltrões que passavam os dias em aconchegados postos de guarnição em regiões mais que apaziguadas como a Grécia, ou como aqueles convencidos imbecis da Guarda Pretoriana. Fez uma careta. Aqueles tipos recebiam vez e

meia o salário dos legionários, apesar de não terem nada que fazer para lá de se aperaltarem para uma ou outra cerimónia e de vez em quando tratarem de despachar com eficiência quem se visse condenado como inimigo do Imperador. As hipóteses de enfrentarem alguma ação real eram escasas. Isto dito, tivera ocasião de os ver em ação numa ocasião, na Britânia, durante a breve viagem que o Imperador empreendera para recolher o crédito pelo sucesso da campanha. Tinham demonstrado um certo valor em combate, admitiu a custo.

Os blocos de apartamentos que ladeavam a rua por onde seguia, de três e quatro andares de altura, ajudavam a esconder a já diminuta luz matinal, e davam à via que levava ao coração da cidade uma atmosfera fria e escura. Ao chegar à encruzilhada de onde irradiavam as ruas que levavam aos outros bairros de Óstia, Macro virou à direita, seguindo pela longa avenida que atravessava o centro, uma área relativamente pequena onde se apinhavam os principais templos, as casas de banhos mais luxuosas e o fórum, como se competissem pela atenção dos cidadãos. Era dia de mercado, pelo que a rua estava congestionada, com mercadores e funcionários municipais a tratarem dos seus afazeres. Uma fila de escravos acorrentados pelos tornozelos seguia a caminho dos calabouços do mercado, ocupando a borda da estrada sob a vigilância atenta de um punhado de brutamontes equipados com pesados cajados. Macro atravessou o fórum, que se estendia dos dois lados da rua, virou para uma via lateral, e depressa avistou a imponente fachada colunada da Biblioteca de Menelau, onde tinha combinado encontrar-se com Cato. A biblioteca fora oferecida à cidade por um liberto grego, que tinha feito uma fortuna na importação de azeite. Estava bem apetrechada, com uma mistura de livros arrumados de forma bastante eclética nas estantes.

Macro lançou o capuz para trás quando começou a subir os degraus que levavam à entrada. No interior deu imediatamente de caras com um funcionário sentado a uma secretária, aquecido por um braseiro próximo. Assim que viu que o novo visitante era um soldado, os olhos do homem semicerraram-se, denunciando alguma desconfiança.

— Senhor, posso ajudá-lo?

Macro limpou a humidade da testa e anuiu.

— Procuo uma pessoa. Um soldado, como eu.

— Sim? — O funcionário arregalou uma sobrancelha. — Senhor, tem a certeza de que veio ao local correto? Isto é uma biblioteca.

Macro encarou-o sem perder a fleuma.

— Sim, já tinha reparado.

— Senhor, se me permite, sugiro que talvez venha a ter mais sucesso na procura do seu camarada se se dirigir a um dos estabelecimentos na proxi-

midade do fórum. Creio bem que esse tipo de local é bastante mais popular entre a soldadesca do que esta biblioteca.

— Pois, mas acredita quando te digo que combinei encontrar-me aqui com esse meu amigo.

— Bem, senhor, não é de todo habitual que este local seja escolhido como ponto de encontro para os soldados — insistiu o funcionário, marcando bem as palavras.

— Será verdade, mas este meu amigo também não é propriamente um soldado típico. — Macro sorriu. — Portanto diz-me, viste-o? E limita-te a responder à pergunta, sim? Não é preciso olhares-me de alto, a não ser que queiras passar uns minutos mais animados.

O outro percebeu que aquele entroncado visitante de ar rude não se ia deixar enxotar. Limpou a garganta e pegou numa tábua encerada e num estilete, tentando dar a entender que tinha sido interrompido quando se preparava para concluir uma qualquer tarefa burocrática absolutamente vital e de grande complexidade.

— Senhor, entrei de serviço há pouco tempo. Se o seu amigo se encontra nas nossas instalações, deve ter entrado mais cedo, já que eu não o vi, e não tenho qualquer ideia do seu paradeiro. Sugiro portanto que o procure.

— Estou a perceber — replicou Macro, com toda a calma. Deixou-se estar imóvel por momentos, e depois debruçou-se sobre a secretária, deixando que a bainha da capa tombasse sobre a tábua em que o funcionário escrevinhava. O homem parou e olhou para cima, ansioso.

— Senhor?

— Um último conselho, à laia de despedida — ameaçou Macro. — Olha, rapaz, se fosse a ti, pensaria seriamente antes de tratar as pessoas com todo esse desdém. Voltas a usar esse tom comigo, e pode muito bem suceder que eu acabe por confundir a tua bela e arrumada biblioteca com um dos tais animados estabelecimentos de que falavas... Percebes?

O outro engoliu em seco.

— Sim, senhor. As minhas desculpas. Peço-lhe que se sinta à vontade para procurar o que quiser na biblioteca, as nossas instalações estão à sua inteira disposição.

— Ora aí está! — Macro lançou um sorriso. — Custa tanto ser agradável com as pessoas como ser um completo cretino, não é?

O homem olhou em redor com ar nervoso, para ver se algum dos seus colegas estava por perto, mas tal não era o caso. Olhou de novo para o soldado que o atormentava, com ar desanimado.

— Sim, senhor. É como diz.

Macro afastou-se por fim, a esfregar as mãos para as aquecer. Tinha um ódio inesgotável por aquela gatinha que ocupava posições menores,

cujos únicos propósitos neste mundo pareciam ser prejudicar os que tinham coisas realmente importantes a fazer.

A biblioteca tinha um vasto átrio, com passagens em todas as paredes. Depois de uma breve hesitação, Macro dirigiu-se à do meio, oposta à entrada; os seus passos ecoavam nas altas paredes. Entrou num salão comprido, forrado a estantes repletas de rolos de escritos. O teto, uns dez metros acima do chão lajeado, tinha sido pintado com cenas náuticas, que eram iluminadas pelas estreitas janelas colocadas bem ao cimo das paredes. Ao centro da sala havia uma fila de mesas e bancos, e uma vez que era ainda cedo naquela manhã fria, estavam apenas três pessoas naquele espaço: dois homens idosos debruçados sobre um pergaminho que discutiam em surdina, e a inconfundível e magra figura de Cato, embrulhado na sua capa militar. Estava sentado na ponta da sala, onde uma faixa de luz lhe dava alguma iluminação, ainda que pouco adequada para examinar as largas folhas de papiro que tinha à sua frente.

O barulho claro das botas de Macro no soalho fez com que os dois velhos abandonassem a sua discussão e encarassem com ar carrancudo o recém-chegado, que de forma tão evidente perturbava o silêncio habitual na biblioteca. Embora Cato não pudesse ter deixado de ouvir o som das botas do amigo, continuou a ler até Macro estar bem próximo, e só então colocou um dedo sobre o papiro para marcar onde ia e olhou para cima. O rosto parecia ainda mais magro, e ele olhou para Macro sem qualquer expressão enquanto este se sentava no banco do outro lado da mesa. O jovem oficial tinha sofrido uma grave ferida no rosto quando da sua passagem pelo Egito, e agora exibia uma cicatriz esbranquiçada que vinha da testa, atravessava o nariz e descia pela face. Apesar do aspeto dramático, não o tinha realmente desfigurado. Na opinião de Macro, era até uma marca de que o amigo se podia orgulhar. Algo que o distinguia de outros oficiais de ar quase imberbe que serviam o Imperador, e que o denunciava como o veterano experimentado em que se tinha tornado, desde o longínquo momento em que, havia oito anos, se juntara à Segunda Legião, então apenas mais um recruta desajeitado.

— Encontrei o que procuravas? — Macro acenou para as folhas à frente de Cato, antes de apontar para as estantes repletas na parede. — Há aqui material mais do que suficiente para te manter entretido, há? Deve ajudar a passar o tempo.

— Passar até quando, é o que me pergunto. — Cato ergueu a mão livre e coçou levemente a face, no ponto onde a cicatriz terminava. — Há quase um mês que não sabemos nada do Narciso.

Cato enviara uma mensagem ao secretário imperial através do estalajadeiro, pedindo para saber porque é que ele e Macro tinham de ficar confi-

nados a Óstia. A resposta fora seca, e disseram-lhes apenas para esperarem. O aborrecimento de Cato perante a espera forçada no porto alternava com a fúria que sentia por ser impedido de ver Júlia. O que não deixava de atormentar era a possível reação dela à cicatriz. Estaria disposta a aceitá-lo com aquele aspeto, e recebê-lo-ia nos seus braços de novo? Ou teria alguma reação de repulsa? Pior ainda, Cato temia que ela tivesse pena dele e por isso se lhe oferecesse. Esse pensamento destroçava-o por dentro. Não podia saber qual a resposta da jovem antes de a voltar a ver, e nem sequer a podia preparar para o encontro, uma vez que Narciso o proibira de a tentar contactar.

— O que é que estás para aí a ler? — interrompeu-o Macro.

Cato concentrou-se, esquecendo os devaneios.

— Uma cópia da gazeta de Roma. Estive a pôr-me a par dos acontecimentos na cidade nos últimos meses, para ver se há algum indício do que faz com que o Narciso precise de nós.

— E?

— Nada que salte à vista. Apenas o habitual rol de cerimónias, anúncios de nomeações e nascimentos, casamentos e mortes dos grandes e poderosos. Havia por aqui uma menção ao senador Semprônio. Foi louvado pelo Imperador por ter sufocado a revolta dos escravos em Creta.

— E nem uma referência ao nosso papel nessa história, aposto — resmungou Macro.

— Por acaso, não.

— Que grande surpresa. Mais alguma coisa digna de nota?

Cato olhou de relance para as folhas à sua frente e abanou a cabeça.

— Nada de importante, a não ser... — Pesquisou por entre as folhas, estudando cada uma brevemente, até que extraiu uma. — Cá está. Um relatório de há duas semanas, que dá conta de que um dos oficiais da Guarda foi emboscado e morto por salteadores, perto de Piceno. Os assaltantes não foram encontrados... Deixa uma viúva chorosa e um filho pequeno, *et cetera*. — Cato levantou de novo o olhar. — É tudo.

— Não parece ter nada a ver com a nossa presença aqui — comentou Macro.

— Pois, suponho que não. — Cato recostou-se e espreguiçou-se, enquanto bocejava longamente. Quanto terminou, apoiou os cotovelos na mesa e olhou para Macro. — E assim se passa mais um dia na maravilhosa cidade de Óstia. Como é que nos vamos distrair hoje? No teatro, nada. Está demasiado frio para ir à praia e nadar. A maior parte dos banhos públicos estão fechados até que o negócio anime quando chegar a primavera, e o nosso bom amigo Espúrio, esse maravilhoso anfitrião, recusa-se a acender a lareira para aquecer a casa antes da chegada do entardecer.

Macro soltou uma gargalhada.

— Caramba, estás mesmo com um humor miserável! — Pensou por momentos e arqueou as sobrancelhas. — Olha, já te digo. Segundo o Espúrio, há material novo no bordel que fica ao pé dos Banhos de Mitra. Queres ir até lá ver o que há? Sempre nos mantinha quentes e satisfeitos. Que dizes?

— Tentador. Mas não me apetece.

— Uma porra. Estás é a guardar-te para aquela miúda, não é?

Cato encolheu os ombros. A verdade era que não encarava de bom grado a possibilidade de visitar as prostitutas repletas de doenças que serviam os habitantes locais e os marinheiros de passagem. Se apanhasse uma maleita com alguma delas, seria o fim de qualquer hipótese de uma união feliz com Júlia.

— Vá o Macro, se lhe apetece mesmo. Por mim, vou voltar à estalagem, ver se como qualquer coisa, e depois vou instalar-me num canto e ler um bocado.

— Ler um bocado — repetiu Macro, descrente. — Miúdo, mas o que tens tu nas veias afinal? Sangue, ou um caldo aguado?

— Seja qual deles for, vou ficar no quarto a ler. Pode fazer o que bem lhe apetece.

— E vou fazê-lo. Assim que tiver comido qualquer coisa para retemperar as forças.

Os bancos raspam no chão quando os dois soldados se puseram de pé. Cato juntou as folhas das gazetas e devolveu-as à estante antes de se dirigir para a porta com Macro, não evitando perturbar de novo os outros dois homens com os seus passos largos.

— Chhhiu! — Um deles levou um dedo aos lábios. — Isto é uma biblioteca, não sei se sabem!

— Biblioteca! — ripostou Macro, com ar enojado. — Um bordel de ideias, isso sim. A única diferença é que uma biblioteca nunca nos há de deixar com um ar satisfeito e um calorzinho cá dentro, pois não?

— Lamentável! — explodiu o outro idoso. Virou-se para Cato. — Senhor, por favor, peço-lhe que faça o obséquio de levar o seu companheiro para longe desta sala.

— Ele não precisa de incentivo, acredite. Vamos, Macro. — Cato pegou no amigo pelo braço e orientou-o para a saída do edifício.

O cozinheiro de Espúrio, um antigo marinheiro que tinha perdido uma perna num acidente, serviu-lhes um guisado ralo com centeio e nacos de carne que talvez tivessem em tempos pertencido a uma peça de borrego bem temperada; era difícil de dizer, porque se alguma vez tinham sabido a alguma coisa, fora já há muito tempo, e a textura que apresentavam era igualzinha à de uma casca de árvore bem ensopada. Mas pelo menos a co-

mida estava quente, e sempre lhes acalmava o apetite. Quando Cato pediu pão, o cozinheiro resmungou, afastou-se e regressou com um pão seco e velho que pousou na mesa com estrondo.

— Espúrio! Vem cá! — gritou Macro, assustando os outros quatro clientes que jantavam na sala. O estalajadeiro estava ao balcão, a colocar as suas canecas de barro barato nas prateleiras. Voltou-se, irritado, e lá se dirigiu à mesa dos dois oficiais.

— O que se passa? Importa-se de manter a voz mais baixa?

Macro fez um gesto designando a tigela de guisado, que ainda continha cerca de um terço da porção inicial.

— Até é provável que eu esteja com fome suficiente para comer esta porcaria, mas quando me é apresentado um pão que eu não seria capaz de forçar pela goela da porra de um porco, aí digo que já chega. — Pegou no pão e bateu-o no tampo da mesa. — Foda-se, rijo que nem uma pedra.

— Ora, ensopem-no no guisado. Depressa ficará mole — sugeriu Espúrio, com ar amigável.

— Quero pão decente — retorquiu Macro, com firmeza. — Cozido de fresco. E quero-o agora. Já.

— Desculpe, mas não há nenhum.

Macro puxou o banco para trás. Prosseguiu em tom baixo, para ter a certeza que os outros clientes não o escutavam.

— Olha, disseram-te para tratares de nós, e não tenho dúvidas de que estás a ser bem pago para nos forneceres cama e comida.

— Pois sim; recebo uma ninharia para vos aturar aos dois — protestou Espúrio. — Ou melhor, receberei, quando vocês partirem e o Narciso pagar a conta. Enquanto isso não sucede, é o meu lucro que sofre.

Macro sorriu.

— Aquela víbora do Narciso nunca dá mais uma moeda do que tem de ser, e é pelo menos tão provável que te venha a enganar como que venha a cumprir a sua palavra, como nós já tivemos ocasião de comprovar em diversas ocasiões.

— Macro, já chega — recriminou-o Cato. — Não vamos discutir as nossas atividades passadas.

Macro virou-se e deitou um olhar furibundo ao amigo, mas depressa se acalmou, e a sua expressão mudou.

— Seja. Mas não me agrada mesmo nada ser deixado pendurado em Óstia, e forçado a confiar nesta espelunca para me dar abrigo e comida. Cato, isto não está certo.

— Claro que não, mas não há nada que possamos fazer quanto a isso. — Cato virou-se para o estalajadeiro. — Ora bem, nós percebemos que não te agrada que a nossa presença te tenha sido imposta. Também a nós

pouco agrada esta situação. Mas para ver se conseguimos aturar-nos uns aos outros sem haver problemas, sugiro que tentes arranjar maneira de nos alimentar um bocadito melhor. Para começar, proponho que arranjes ao meu amigo aquilo que ele pediu, pão fresco.

Espúrio respirou fundo, e anuiu com um ligeiro movimento da cabeça.

— Vou ver o que consigo arranjar. Desde que me prometam que não vão arranjar problemas com o resto dos clientes.

Cato assentiu.

— Prometemos.

O homem regressou ao balcão e começou a falar em voz baixa com o cozinheiro. Cato lançou um sorriso a Macro.

— Está a ver o que se consegue com um bocadinho de persuasão amigável?

Macro fungou.

— Tem os seus usos. Mas terei de acrescentar que já comprovei que de vez em quando a aplicação da força também pode produzir resultados muito aceitáveis.

— Não no caso em que não se quer atrair a atenção geral sobre a nossa pessoa.

Macro abanou a cabeça.

— Cato, nesta altura até me agradava um bom bocado de atenção. Este lugar está a dar comigo em doido. Já é mau termos de ficar aqui plantados à espera que o Narciso resolva alguma coisa. Mas o pior é que o sacana não nos deu senão uma mísera parte do salário atrasado que temos acumulado, e nestas condições não podemos sequer comer decentemente ou procurar acomodações mais confortáveis.

Cato manteve-se em silêncio por momentos.

— Não tenho dúvidas de que isso é propositado, para nos amolecer um bocado.

Antes que Macro pudesse responder, ouviu-se barulho de rodas de vagão na rua, abruptamente interrompido quando o veículo se imobilizou em frente à estalagem. Espúrio apressou-se a acorrer à porta, abriu uma fresta e saltou rapidamente para o exterior, fechando-a atrás de si. Macro e Cato ouviram uma rápida troca de palavras abafadas, e então o veículo prosseguiu a marcha, rodeando o edifício até às traseiras, onde existia um pequeno pátio com lugar para os cavalos dos viajantes que escolhiam passar a noite no estabelecimento.

— Novos clientes para esta espelunca — concluiu Macro. — Não achas que os devemos avisar quanto à qualidade do serviço?

— Deixe lá isso — aconselhou Cato, farto. Fixou o olhar na tigela que tinha à frente, antes de pegar relutantemente na colher e continuar a sorver

aquele guisado intragável. Pouco depois o cozinheiro reapareceu, um tanto afogueado, e dirigiu-se à mesa coxeando ligeiramente, para lhes apresentar um pão ainda quente. Macro cheirou e olhou para o amigo com ar de espanto.

— E não é que está acabadinho de cozer?

Pegou no pão, partiu-o ao meio e lançou um pedaço na direção de Cato, antes de se lançar de novo e com evidente deleite ao ataque do caldo ainda fumegante. Das traseiras da estalagem vinha o som de vozes e de cadeiras a serem arrastadas, e levou algum tempo até que Espúrio voltasse a emergir da porta baixa por trás do balcão. Olhou em redor para os outros clientes e depois atravessou a sala, dirigindo-se à mesa onde se sentavam os dois amigos.

— O que foi agora? — resmungou Macro. — Aposto que o sacripanta nos vai pedir para mudarmos de quarto, para ceder o nosso ao novo hóspede.

— Não me parece.

Espúrio debruçou-se sobre eles e falou quase em surdina.

— Sigam-me.

Cato e Macro trocaram um rápido olhar, e Cato retorquiu:

— Porquê?

— Porquê? — Espúrio franziu o sobrolho. — Senhor, venha, sim? Depressa saberá porquê. Aqui não posso dizer mais nada. — Acenou muito ligeiramente na direção dos outros ocupantes da sala. — Se me faça entender.

Macro encolheu os ombros.

— Não, nem por isso.

— Bom — decidiu Cato. — Vamos lá.

Deixaram o que restava da refeição e levantaram-se para seguir o homem até à porta que dava para os fundos da casa. Os outros clientes olhavam-nos com curiosidade à medida que passavam, facto que não escapou a Cato, que reagiu com um sorriso divertido. Espúrio passou primeiro pela porta, seguido por Macro e depois por Cato, que teve de se abaixar para passar. Do outro lado havia uma pequena sala, iluminada por uma solitária lamparina. À meia-luz, Cato reparou que as paredes estavam cobertas por ânforas de vinho e cestas com hortaliças, e que de um gancho pendia um saco de rede repleto de pão fresco, ao lado de duas peças de carne curada. Era evidente que o estalajadeiro se alimentava perfeitamente, embora os seus clientes não pudessem dizer o mesmo. Na ponta da sala havia outra porta, ligeiramente aberta, e a passagem estava bem iluminada por uma lareira que ardia na sala contígua. Espúrio entrou, de novo seguido por Macro, que soltou imediatamente uma imprecação. A nova sala era ampla, e

no centro via-se uma mesa larga. O fogo onde eram preparadas as refeições ardia bem vivo sob uma grelha de ferro, e lançava uma luz rósea por todo o compartimento. Sentada à cabeceira da mesa via-se uma figura de pequeno porte embrulhada num manto sem quaisquer ornamentos. Levantou o olhar do pão e queijo que lhe tinham sido postos à frente e sorriu ao avistar Macro e Cato.

— Bem aparecidos, meus senhores. Muito agradecido por terem vindo juntar-se a mim! — Narciso acenou-lhes para que se sentassem no banco do outro lado da mesa. — Aliás, sou eu que me junto a vós.

— O que está aqui a fazer? — indagou Macro. — Já tinha começado a temer que estivesse inclinado a deixar-nos pendurados para sempre.

— Centurião, é de facto um prazer voltar a ver-te — retorquiu Narciso, sem lhe dar troco. — A tua espera terminou. O vosso Imperador precisa de vós. E agora mais do que nunca...

Cato respondeu à saudação do secretário imperial com um olhar frio. Apesar de ter nascido como escravo do palácio imperial, Narciso trabalhara duramente e fora libertado por Cláudio, anos antes de este se ter tornado Imperador. Como liberto, o estatuto social de Narciso era inferior ao do mais humilde dos cidadãos de Roma, mas sendo um dos mais próximos conselheiros do Imperador, detinha mais poder e influência do que qualquer um dos aristocratas que se sentavam no Senado. E era também Narciso quem controlava a vasta rede de espiões dedicada a identificar qualquer ameaça contra o seu senhor. Fora nessa posição que recorrera aos serviços de Cato e Macro em ocasiões anteriores, e que agora se preparava para o fazer de novo, refletiu Cato com amargura.

Depois de o estalajadeiro ter trazido um jarro de vinho e três copos, Narciso dispensou a sua presença.

— Por agora é tudo, Espúrio. Trata de garantir que não somos interrompidos nem escutados.

— Sim, senhor. — O homem inclinou a cabeça e virou-se para sair. Ao chegar à porta, parou. — Senhor?

— O que é?

— A minha filha. Há alguma notícia dela?

— Pergila, não era? Sim, ainda estou a tentar convencer o Imperador a conceder-lhe a liberdade. Estas coisas levam o seu tempo. Trata de cumprir a tua parte do acordo, e eu farei o que puder por ela. — Narciso fez um gesto com a mão. — Agora, deixa-nos.

O homem afastou-se, e Narciso esperou que o som dos seus passos se desvanecesse e a porta do pequeno compartimento adjacente se fechasse.

— Um servidor leal e bastante útil, mas às vezes torna-se exigente. Bom, já chega de falar do Espúrio! — Narciso debruçou-se sobre a mesa e acenou na direção do jarro. — Macro, podias encher-nos os copos. Devíamos celebrar esta reunião de velhos amigos.

Macro abanou a cabeça.

— Meu amigo é a última coisa que se pode considerar.

Narciso encarou-o por momentos e por fim anuiu.

— Muito bem então, centurião. Eu mesmo farei as honras. — Inclinou-se, tirou a rolha do recipiente, e encheu os copos com um vinho escuro. Pousou o jarro e ergueu o seu copo. — Ao menos, junta-te a mim num brinde... Morte aos inimigos do Imperador.

Macro tinha estado a olhar para o vinho com ar de quem revê um velho companheiro, pelo que revelou apenas um leve trejeito de relutância antes de pegar no copo mais próximo e repetir o brinde. Bebeu um bom trago e fez estalar os lábios.

— Portanto é esta pinga que aquele sacana do Espúrio nos tem escondido.

— Não têm sido bem tratados, então? — quis saber Narciso. — Dei instruções claras ao Espúrio para que ficassem bem instalados.

— Ele fez o seu melhor — respondeu Cato. A acreditar no estalajadeiro, o homem não tinha recebido qualquer compensação pelos dois hóspedes que lhe tinham sido impostos fazia já dois meses. Além disso, se Narciso estava a usar a filha do homem para o forçar a corresponder às suas exigências, Cato estava pouco disposto a aumentar os problemas de Espúrio. — Deu-nos um quarto aseado e as refeições são servidas a tempo e horas. O Espúrio tem-te servido bem.

— Calculo que sim. — Narciso reparou na expressão supresa de Macro, e franziu o sobrolho. — Embora me pareça que o teu amigo não ache que ele próprio tenha sido particularmente bem servido.

— Somos soldados — ripostou Macro. — Estamos habituados a bem pior.

— Bem o dizes. E chegou o momento de mais uma vez servirem Roma. — Narciso sorveu algum líquido, e também ele lambeu os lábios. — Um falerniano. O Espúrio está mesmo a tentar impressionar-me!

— Imagino que tenha alguma pressa em regressar ao palácio — começou Cato. — Será melhor então tratarmos do assunto que aqui o trouxe.

— Jovem Cato, gosto de te ver tão prestável — respondeu Narciso num tom frio. Pousou a taça com um movimento brusco. — Muito bem. Recordam-se do nosso último encontro?

— Em Capri, sim.

— Levantei então a possibilidade de existir uma nova ameaça dos Libertadores. Essa escumalha parece ter decidido não descansar até se livrar do Imperador. Como habitualmente, proclamam que agem em nome do Senado e do povo de Roma, mas a verdade é que só conseguiriam mergulhar Roma numa nova idade das trevas, como a que sofremos nos tempos de tiranos como Sula e Mário. O Senado seria de novo palco da luta de facções pelo poder. Em poucos meses teríamos em mãos uma guerra civil.

— Narciso fez uma breve pausa. — O Senado teve a sua utilidade no tempo anterior ao Império. Agora só uma autoridade suprema pode manter a ordem necessária. O facto é que não se pode confiar nos senadores para garantir a segurança e o bem-estar de Roma.

Cato soltou uma gargalhada seca.

— Mas calculo que se possa confiar num secretário imperial. . .

Narciso manteve o silêncio por momentos, as narinas dilatadas, enquanto tentava digerir o desdém que aquelas palavras revelavam. Acabou por assentir.

— Sim, eu, e aqueles que me servem, somos tudo o que se interpõe entre a ordem e o caos sanguinário.

— Até pode ser que seja verdade — admitiu Cato. — Mas na realidade essa ordem que jura defender também é por vezes bastante sanguinária.

— Há um preço a pagar pela ordem. Achas realmente que a paz e a prosperidade podem ser conseguidas e mantidas sem o ocasional derramamento de sangue? Vocês os dois, soldados, deviam perceber isso melhor do que ninguém. Mas o que não sabem é que as guerras que travam em nome de Roma estão longe de terminar quando as armas se calam. Existe outro campo de batalha, longe da fronteira, onde a luta nunca amaina, e onde se combate pela ordem. É essa a guerra que eu travo. Os meus inimigos não são bárbaros ululantes. São criaturas de falas mansas, que se escondem na sombra e que buscam o poder para si mesmos, à custa do bem público. Podem até disfarçar as suas ambições vis nas vestes dos princípios, mas acreditem quando vos digo que não há artimanha a que não sejam capazes de recorrer para conseguir os seus malvados fins. É por isso que Roma precisa de mim, e porque precisa de vocês. Homens como nós são a sua única esperança de sobrevivência. — Narciso calou-se e serviu-se de mais vinho, enquanto humedecia os lábios.

— É engraçado — comentou Cato. — Quando outros homens agem em defesa dos seus próprios interesses, chama-lhe mal. Quando somos nós a fazê-lo, somos patriotas.

— Apenas porque a nossa causa é justa. Ao contrário da deles.

— Uma diferença de perspectiva, nada mais.

— Cato, não te ponhas a dignificar os nossos inimigos com abstrações filosóficas. Limita-te a perguntar a ti mesmo em que Roma preferirias viver. Na nossa, ou na deles?

Macro deu um estalo com a língua.

— Ora aí está um bom ponto.

— Pronto! — Narciso mostrou-se radiante. — Até o centurião Macro consegue perceber a justeza daquilo que afirmo.

Macro franziu o sobrolho e arqueou uma sobrancelha.

— Até o centurião Macro... Obrigadinho.

Narciso soltou uma risada e encheu a taça de Macro até cima.

— Não quis ofender. Queria apenas demonstrar que a distinção entre o certo e o errado nesta história é abundantemente clara para um homem de ação como tu.

Enquanto Macro refletia na frase, o secretário imperial prosseguiu, apressado.

— De qualquer forma, Cato, a verdade é que tens muito pouca margem de escolha. Respeito evidentemente o teu direito a emitir uma opinião, por muito pouco ponderada que seja, mas a verdade é que terão de fazer o que eu vos disser, se tu e o Macro querem ter um futuro nas vossas carreiras; e sobretudo se queres mesmo casar com a maravilhosa filha do senador Semprônio.

Cato baixou a cabeça e passou lentamente os dedos pelos escuros cabelos encaracolados e desalinhados. Narciso tinha-os precisamente onde os queria. O que ele e Macro mais desejavam era regressar às legiões. Cato ansiava pela promoção que significaria a sua elevação à classe equestre, já que só assim o seu casamento numa família senatorial seria tolerado.

— Bem, miúdo. — Macro interrompeu-lhe a sequência de pensamentos. — O que dizes? Tudo é aceitável, desde que sirva para nos tirar daqui. Além disso, não acredito que seja assim tão mau. Não pode ser mais perigoso do que aquilo por que já passámos.

Narciso cerrou os lábios, sem proferir uma palavra.

Com um suspiro resignado, Cato levantou a cabeça e enfrentou diretamente o olhar do secretário imperial.

— O que quer que nós façamos desta vez?

Narciso sorriu devagar, com o ar de um homem habituado a conseguir tudo o que queria.

— Vou começar por vos dar alguma informação geral sobre a situação atual. — Recostou-se e cruzou os dedos. — Como já sabem, o regime quase soçobrou em consequência das conspirações engendradas pela Messalina. Aquela mulher era veneno puro. Não havia nenhum ato tão baixo que ela se recusasse a cometer. A única coisa que se podia comparar à sua falta de moral era a ambição de que dava mostras. Sabia exatamente o que fazer para manter o Cláudio a comer-lhe da mão. E não apenas ele, o mesmo se aplicava a muitos outros, incluindo o Políbio, um dos outros conselheiros do Imperador.

— Reconheço esse nome — afirmou Cato. — Não se suicidou há tempos?

— Assim lhe foi ordenado. Em nome do Imperador. Não teve sequer tempo de fazer um derradeiro apelo a Cláudio, já que recebeu a visita

de alguns guardas pretorianos que resolveram pressioná-lo a resolver o assunto.

— Assassinarão-no?

— A linha entre assassinio, execução e suicídio tornou-se bastante ténue nos últimos tempos. A morte, venha como vier, muitas vezes resolve uma dificuldade política, ou responde a um desejo de vingança, ou chega simplesmente em resultado do capricho de alguém com autoridade suficiente para a exigir. E por essa razão não se podia permitir a Messalina permanecer numa posição em que podia exercer maior influência sobre o Imperador do que os seus mais próximos e leais conselheiros. Portanto, quando ela decidiu aproveitar uma ocasião em que o Imperador se ausentou de Roma para se divorciar dele, casar com o amante e apoderar-se do poder, tivemos de agir. Cláudio estava aqui em Óstia, a inspecionar os progressos nas obras do porto. Foi nessa altura que me chegaram as notícias. Vislumbrei de imediato o perigo iminente e falei com os mais próximos do Imperador, Calisto e Pallas. Tivemos de recorrer a todos os nossos poderes de persuasão até levar o Cláudio a aceitar a verdade sobre a Messalina. E mesmo assim ele negou a evidência, afirmou que não podia ser. — Narciso tremia visivelmente enquanto recordava os acontecimentos. — Então encorajámo-lo a beber algum vinho, para amortecer o choque. E nessa altura apresentámos-lhe o decreto para a sua prisão e execução, além de outros destinados a assegurar a prisão dos seus aliados.

— Espertalhaço! — comentou Macro, sem esconder a aprovação. — E o que fez o Imperador quando recuperou o uso das suas faculdades?

— Mortificou-se ao longo de todo um mês. Enquanto nós os três tratávamos de despachar os outros membros da conspiração. O importante disto é que vocês se apercebam de como é fácil enganar o Imperador, e de como isso o torna vulnerável — a ele, mas também a Roma.

— E como é essa história com a nova esposa? — quis saber Macro. — A Agripina. Se bem me lembro, ela é sobrinha dele.

— Pois. O que provocou um belo escândalo, quando Cláudio fez o anúncio público da sua escolha para nova esposa. O que eu tive de lutar para conseguir que o Senado aprovasse uma decisão para remover uma união desse género da lista de casos de incesto. Felizmente, um dos mais notáveis senadores andava mesmo à procura de uma ocasião para voltar às boas graças do Imperador. Tratou do caso e consegui fazer aprovar a nova lei. Mas mesmo assim não foi nada fácil, posso garantir-vos.

Cato tinha estado a refletir durante a conversa.

— Quem é que teve a ideia de sugerir a Agripina?

Deu-se um breve silêncio, até que Narciso respondeu num tom quase venenoso:

— O Pallas. Disse que teríamos mais hipóteses de evitar uma repetição do caso Messalina se escolhêssemos uma noiva dentro da própria família imperial. Além disso, ele tem alguma influência sobre ela. Calculámos que seríamos capazes de a manter na linha e ao mesmo tempo assegurar que o Cláudio continuaria a ouvir os nossos conselhos.

— E resultou? A nova Imperatriz tem-se portado da forma que vocês esperavam?

Narciso inclinou ligeiramente a cabeça.

— Não nos tem dado muito trabalho. O único problema foi ela ter chegado a este casamento com alguma bagagem desnecessária.

— Bagagem?

— O filho. Lúcio Domício Ahenobarbo. Pelo menos, era assim que se chamava, antes de a mãe ter convencido o Imperador a adotá-lo. Agora passou a chamar-se Nero Cláudio Druso Germânico. O filho natural do Cláudio não está propriamente agradado com este arranjinho. O Britânico não reconhece o seu irmão adotivo, e recusa-se a chamar-lhe Nero. Portanto não há propriamente amor fraternal entre eles. Quando Cláudio partir para o mundo das sombras, ou seja lá para onde forem os imperadores endeusados, estes dois vão-se atirar ao gasganete um do outro para lhe suceder no trono.

Macro abanou a cabeça.

— Sim, parece-me que quando esse momento chegar, vamos ter uma confusão das antigas.

Cato pensou por momentos antes de voltar a tomar a palavra.

— Mas o Britânico é o herdeiro do Imperador, portanto é o primeiro na linha de sucessão, não é?

— Ah, se as coisas fossem assim tão simples... — retorquiu Narciso. — O Nero tem catorze anos, é quatro anos mais velho do que o meio-irmão. O Britânico também tem outra desvantagem: a mãe era a Messalina, o que o deixa um tanto mal visto perante o próprio pai. Se ele se tornar Imperador, temo que os inimigos da mãe vão passar um mau bocado. É o tipo de jovem que atribui uma elevada prioridade à vingança.

Macro sorriu.

— Existe portanto alguma justiça nesta vida. Essa perspectiva deve estar a provocar-lhe umas noites mal dormidas.

A expressão de Narciso endureceu subitamente.

— Centurião, se soubesses nem que fosse a mais ínfima fração do que me pesa na mente, duvido que alguma vez conseguisses fechar os olhos. O Imperador é vulnerável a ameaças vindas de todos os quadrantes. A sua saúde começa a fraquejar, e tenho de fazer tudo o que posso para o proteger e assegurar que a paz e a ordem perduram.

— E quando ele morrer? O que fazer então? — inquiriu Macro, curioso.

— Teremos de nos assegurar de que a escolha recaia sobre o melhor sucessor.

— E quem tem em mente? — quis saber Cato.

— Ainda não estou certo. Tanto o Nero como o Britânico são ainda muito jovens, e ambos têm as suas falhas e virtudes. Quando chegar o momento, eu e os outros conselheiros do Imperador faremos essa escolha e levaremos Cláudio na direção correta, de forma a nomear o sucessor mais adequado.

Cato cerrou os lábios por segundos.

— Não estou a ver o que tem tudo isso a ver comigo e com o Macro. Não há nada que possamos fazer para influenciar a sequência dos acontecimentos.

— Como te disse, achei que era importante mostrar-vos o panorama global, para que percebam a gravidade da situação e compreendam perfeitamente o que vos vou pedir para fazerem.

Os dois oficiais trocaram um olhar rápido, e Cato acenou a Narciso para prosseguir.

O secretário imperial concentrou-se e começou, em tom quase de surdina.

— Há divisões no palácio, pelo que os Libertadores resolveram passar à ação. A chave para qualquer mudança de poder em Roma é o controlo da Guarda Pretoriana. Foi o apoio dos pretorianos que permitiu a Cláudio ascender ao trono. Quando o Imperador falecer, serão eles a dirimir a questão de quem tomará o trono. Se os Libertadores conseguirem tomar o controlo dos pretorianos, essa questão — qual dos dois filhos lhe sucederá — tornar-se-á académica. Serão ambos mortos, bem como o resto da família imperial, os seus servidores e aliados. — Fez uma pausa, para deixar que as suas palavras penetrassem bem nas mentes dos dois homens que o escutavam. — É por essa razão que o comando da Guarda é partilhado por dois prefeitos, e que a guarda pessoal do Imperador é composta por mercenários germanos — homens em quem ele pode confiar. Porém, um dos prefeitos está já há meses doente, o que deixou os pretorianos sob o comando único do outro, Lúcio Geta, um homem que me desperta várias preocupações. Nos últimos tempos tem incrementado o treino dos homens, levando-os em duras marchas, aumentando a prática com armamento e realizando exercícios de combate. E recentemente esses exercícios mudaram de carácter. Nas últimas semanas, o treino tem-se centrado em combate urbano e técnicas de cerco.

— A mim parece-me um comandante consciencioso — comentou Macro. — Se estivesse no lugar dele, procederia da mesma forma.

— Estou seguro que sim. Mas não era esse o costume dos prefeitos que o antecederam. Mais preocupante ainda é que a maior parte dos oficiais parece ser-lhe ferozmente fiel, já que olham para o Geta com evidente consideração. — Narciso abriu as mãos. — Como devem compreender, tenho todas as razões para desconfiar deste homem.

Macro encolheu os ombros, mas Cato anuiu ligeiramente.

— E há mais. No mês passado, um dos tribunos da Guarda foi morto na estrada.

Cato assentiu.

— O Balbo.

— Precisamente. Como sabes?

— Li isso na gazeta. Não tinha muito mais formas de passar o tempo. Ao que li, o Balbo foi morto por vulgares salteadores de estrada.

— Foi essa a versão que foi posta a circular. O que ela não dizia era que ele estava à frente de uma coluna que transportava moedas de prata vindas da cunhagem na Narbonesa. O grupo de busca encontrou o corpo desnudado na berma da estrada, numa evidente tentativa de o fazer parecer vítima de um simples assalto. Não lhes custou muito descobrir depois os restos dos vagões que compunham a coluna. Mas as arcas com o dinheiro tinham desaparecido. No total, foram roubados cerca de dois milhões de denários.

Macro assobiou.

— Pois. Uma soma impressionante; e o que assusta é que entre servidores do Imperador e pretorianos, não havia mais do que um punhado de homens a saber da existência desta coluna. Foi uma coisa preparada por gente bem colocada no regime. Não há qualquer dúvida. Todos os que sabiam foram interrogados, alguns torturados, mas os meus homens não conseguiram sacar-lhes qualquer informação. Ou estavam inocentes ou eram suficientemente duros para aguentarem a pressão.

— Talvez tenha havido alguma fuga de informação — sugeriu Cato. — Alguém pode ter escutado ou visto um indício que revelou o plano.

— É possível. Mas os meus homens são de confiança, e discretos. Sabem muito bem o preço elevado que pagarão se me dececionarem. Restam, portanto, os pretorianos. Ou a segurança interna não presta, ou existem traidores nas fileiras. Era essa a ideia que tinha, até há poucos dias. Nessa altura ocorreu um golpe de sorte. Um dos pretorianos embebedou-se e começou à tarefa numa espelunca qualquer ao pé do Circo Máximo. Foi confinado ao quartel. Uma investigação mais aprofundada revelou que o homem tinha passado o dia todo a gastar dinheiro, a oferecer bebidas tanto a camaradas como a desconhecidos. Para mais, também tinha perdido uma pequena fortuna em prata nas apostas, mas apesar disso não tinha

recorrido às poupanças que mantinha no quartel. Dei ordens para que fosse libertado, e o centurião pô-lo de faxina por um mês. Há duas noites, indiquei aos meus agentes que o raptassem e levassem para um local secreto fora da cidade, para um interrogatório mais apertado. Revelou-se um tipo teso, o que tornou infelizmente necessária a utilização de meios, digamos, mais rigorosos. Antes de morrer, confessou que tinha estado envolvido no ataque ao comboio da prata, e revelou um nome. O de um centurião que serve na coorte à qual está atribuída a guarda do palácio imperial, um tal Marco Lurco. Segundo o nosso homem, o Lurco é um dos líderes da conspiração. Portanto, temos agora certo que existe uma facção de traidores na Guarda Pretoriana.

— E esse pretoriano mencionou alguma ligação aos Libertadores? — indagou Cato.

— Sim. — Narciso respirou fundo. — A situação é séria. Só vejo uma razão para andarem atrás de uma fortuna como esta. Estão a angariar fundos para uma guerra. E quando tiverem dinheiro suficiente, é minha convicção que o vão usar para comprar o apoio da Guarda Pretoriana quando tentarem derrubar o Imperador.

Instalou-se o silêncio. Macro esvaziou o copo e voltou a enchê-lo, enquanto tentava dar a impressão de estar a ponderar seriamente as informações que recebera.

— Bom, isso é tudo muito interessante, mas o que tem a ver connosco?

— É muito simples. Preciso de ter, no seio da Guarda Pretoriana, homens em quem possa confiar inteiramente. Portanto, tu e o Cato vão incorporar-se na Guarda, entrar na conspiração, identificar os líderes e então, se necessário, eliminá-los. Ah, e vão também localizar e recuperar a prata roubada.

Macro encarou-o assombrado e acabou por soltar uma gargalhada.

— Simples, de facto. Não tem agentes mais habituados a essas tretas de capa-e-espada? Nós somos soldados, e não temos grande jeito para eliminar um homem com uma facada nas costas. Há com toda a certeza gente mais qualificada que nós para este género de coisa.

— Oh, sim, tenho um pequeno grupo de homens que podia usar. Mas é um grupo mesmo pequeno, e não posso arriscar-me a perder algum deles. Além disso, neste caso preciso de homens que facilmente passem por soldados. — Narciso fez uma pausa e lançou um sorriso sardónico. — Bom, deixemo-nos de rodeios. Vocês são dispensáveis. Além disso, sei perfeitamente que vão aceitar a missão. Como poderiam não o fazer?

Macro abanou a cabeça.

— Teríamos de estar doidos para aceitar este trabalho.

— Não têm escolha, uma vez que o que vocês mais desejam está nas minhas mãos para conceder — ou negar, conforme me pareça adequado. — O olhar de Narciso virou-se para Cato. — Não é verdade?

Cato anuiu, com evidente relutância.

— Macro, ele tem razão. Se queremos realmente regressar às legiões, e se quero ver confirmada a minha promoção, que escolha temos?

— Precisamente.

— Não — ripostou Macro. — Cato, pensa bem. Somos soldados. Fomos treinados para combater. Não para espiar, não para brincar aos agentes imperiais. Esse tipo de gente vai perceber à distância o que andamos a tentar. Não quero acabar com a garganta cortada e o corpo atirado para a Cloaca Máxima. Eu não. Não me vou meter nisto. E tu também não, se ainda tens algum bom senso.

— Não se trata de nenhum esquema mal-amanhado que acabei de conceber enquanto vinha de Roma — disse Narciso, com uma intensidade gélida. — Pensei nisto com muito cuidado, e tenho a certeza que vocês os dois têm muito mais probabilidades de obter sucesso do que os meus agentes. São soldados experimentados, pelo que se integrarão entre os pretorianos com facilidade, ao contrário dos meus homens, cuja falta de hábitos militares saltaria à vista. Além disso, são perfeitos desconhecidos em Roma, enquanto os meus homens são sobejamente conhecidos. Se me vir obrigado a usar outros, terei de os contratar longe da cidade, e não saberei ao certo quais as suas capacidades nem até que ponto poderei confiar neles. A verdade é que precisamos uns dos outros. Se conseguirem levar isto a bom termo, dou-vos a minha palavra de honra de que serão ambos generosamente recompensados.

— Não estou muito confiante quanto ao valor da sua palavra — arriscou Macro.

— Como planeia inserir-nos na Guarda Pretoriana? — interveio Cato. — Se um par de oficiais aparecer de repente a fazer perguntas a torto e a direito, a atenção dos opositores não deixará de ser desperta.

— Claro; é por isso que vocês vão entrar para a Guarda como legionários. Dois veteranos da Segunda Legião, acabadinhos de chegar da Britânia. A vossa nomeação para a Guarda foi uma recompensa pela bravura no combate contra os bárbaros. É uma história credível, e não se afasta demasiado da vossa experiência, pelo que não terão muito que inventar. A única diferença será na vossa patente. Não vos deverá ser muito difícil desempenhar um papel desse género.

— Falar é fácil — resmungou Macro. — E se damos de caras com alguém que já tenhamos encontrado antes?

— É pouco provável. Já passaram mais de três anos desde que estive-

ram em Roma pela última vez, e nesse tempo viviam num quarto alugado na Subura, uma vez que estavam a receber apenas meio salário. Ninguém vos conhece na Guarda Pretoriana. E no palácio ninguém vos reconhecerá, à exceção talvez de alguns dos meus escribas.

— E quanto ao senador Semprônio? — indagou Cato. — E a Júlia? Se os encontrarmos, as nossas identidades serão reveladas.

— Pensei nisso também. — Narciso sorriu. — Tratei de pôr o senador a conduzir um inventário das propriedades do Imperador na Campânia. Indiquei-lhe que devia levar consigo a filha, para que ela pudesse aproveitar o ambiente social. Um trabalho sem perigos ou inconvenientes, mas que os manterá longe da capital até à primavera. Por essa altura estou seguro de que vocês já terão identificado os traidores na Guarda Pretoriana, bem como os seus cúmplices na cidade.

— Há outros bem capazes de nos reconhecer. O senador Vespasiano, por exemplo.

Narciso assentiu.

— Sei-o bem. O Vespasiano foi eleito para o consulado este ano, pelo que estará ocupado no Senado a maior parte do tempo.

— O Vespasiano é cônsul? — Macro sorriu. — Excelente notícia.

— Embora partilhe a tua admiração pelas suas capacidades, devo dizer que a sua elevação ao consulado me levanta algumas preocupações. Pode muito bem revelar-se mais ambicioso do que aquilo que eu pensava.

— Ora, vá lá! — Macro abanou a cabeça. — Não pode desconfiar do Vespasiano. Depois de tudo o que o homem fez pelo Imperador? Caramba, se não fosse ele, arrisco-me a dizer que a campanha da Britânia teria sido um desastre. E depois ainda houve aquela história com os piratas. Sempre serviu Cláudio com toda a lealdade.

— Eu sei. Mas o meu trabalho é estar sempre atento a sinais de perigo. Qualquer mostra de ambição tem de ser escrutinada em detalhe. Portanto, mantenho o Vespasiano debaixo de apertada vigilância. — Fez uma pausa antes de continuar. — Seria muito pouco prudente arriscarmo-nos a sermos vistos juntos, portanto apresentar-me-ão os vossos relatórios através de um dos meus agentes, o Sétimo. Será ele o único a saber da vossa missão, além de mim, claro. Poderão encontrá-lo na Vinha de Dionísio, no Boário, daqui a dois dias.

— Como é que o reconheceremos? — quis saber Cato.

Narciso tirou um anel do mindinho da sua mão esquerda e entregou-o a Cato.

— Usa este anel. O meu agente terá um igual.

Cato pegou no anel para o examinar de perto, e apercebeu-se de um desenho finamente gravado na pedra vermelha: Roma, sobre uma esfinge.

— Bonito.

— Evidentemente que o quero de volta, depois de servir o seu propósito. — Narciso contemplou os dois amigos. — Muito bem, têm mais alguma questão?

— Só uma. — Macro inclinou-se sobre a mesa. — O que nos sucederia se recusássemos esta tão generosa oferta de emprego?

Narciso fixou nele um olhar frio.

— Ainda nem tinha pensado nisso. Pela excelente razão de que nem conseguia imaginar que fossem tão idiotas a ponto de recusar o trabalho.

— Então, pense depressa. — Macro recostou-se e cruzou os braços. — Arranje uns meliantes quaisquer para lhe fazerem o trabalho sujo. Eu sou um soldado profissional, e dos bons. Mais cedo ou mais tarde vai surgir uma vaga para mim nas legiões. Posso esperar.

— Por quanto tempo, pergunto eu. Talvez não muito, se comparado com o tempo que eu estou disposto a deixar-te aqui a apodrecer.

A expressão de Macro toldou-se.

— Vá-se foder. E leve consigo todos os seus malditos esquemas. — As mãos do centurião cerraram-se em punhos, e por momentos Cato temeu que o amigo estivesse mesmo disposto a desfazer o secretário imperial à pancada. A mesma ideia passou pela cabeça de Narciso, que se encolheu de forma bem notória. Macro olhou-o com desprezo e depois levantou-se abruptamente. — Cato, vamos mas é beber um copo. Algures longe daqui. Num lugar que não cheire tão mal.

— Não — contrapôs Cato, com firmeza. — Temos de aceitar. Não vou ficar em Óstia nem mais um minuto do que aquilo a que já fui obrigado.

Macro olhou para o amigo por momentos e acabou por abanar a cabeça.

— Cato, estás parvo. Esta serpente vai acabar por fazer com que nos matem. Por que carga de água é que nós vamos conseguir desmascarar os Libertadores, se todos os agentes do Imperador falharam até agora?

— Ainda assim, estou disposto a tentar. E você acompanhar-me-á.

— Bah! — Macro atirou as mãos para o ar, num gesto de desistência. — E pensava eu que te conhecia. Pensava que eras mais esperto do que isto. Ao que parece, estava errado. Cato, estás por tua conta. Não me quero meter nesta história.

Dirigiu-se para a porta, escancarou-a e fechou-a com estrondo, depois de sair. Cato escutou os passos do amigo a afastarem-se com um peso crescente no coração. Macro tinha toda a razão quanto aos perigos envolvidos, e Cato compreendeu de súbito que tinha pouca confiança em ser capaz de levar a missão a bom porto sem o duro e confiável centurião ao seu lado. Sentiu uma ponta de medo, pela primeira vez em

muitos meses. A perspectiva de enfrentar sozinho os esquivos inimigos do Imperador era arrepiante.

— Se fosse a ti, não me preocupava muito — animou-o Narciso. — Agora que consegui soltar a raiva que acumulou contra mim, há de mudar de ideias em pouco tempo.

— Espero bem que tenha razão.

— Acredita no que te digo, raras vezes me engano na avaliação de homens. E o nosso amigo Macro não representa um grande desafio nesse capítulo. Estou por acaso enganado? Conhece-lo perfeitamente.

Cato refletiu brevemente.

— O Macro é capaz de algumas ideias surpreendentes, por vezes. Não o deve subestimar. Mas sim, acho que no fim acabará por me acompanhar. Quando arrefecer e perceber que está nas mãos de alguém que tem a possibilidade de lhe tornar a vida muito difícil. Parto do princípio de que não foi uma ameaça vã.

Os finos lábios de Narciso reviraram-se num sorriso quase trocista, enquanto ele se levantava.

— O que é que achas?

— Seja. Mas tenho um conselho a dar-lhe, se quiser que esta missão decorra sem problemas. — Cato fez uma pausa. — Nunca, mas nunca lhe chame amigo à frente dele.

À medida que a barça se aproximava de Roma, a superfície do Tibre mostrava-se cada vez mais repleta de detritos e espuma suja. Era o fim da tarde, e para vencer a corrente, a embarcação era rebocada a partir da margem por uma equipagem de mulas; um miúdo, um escravo escanzelado e de pés descalços, conduzia os animais, dando de vez em quando um estalo com o chicote, para que estes mantivessem o andamento. Sobre a cidade, que já se via à distância, pairava uma espessa camada de fumo. Era devida aos esforços dos habitantes para se manterem quentes durante os frios meses de inverno, queimando grandes quantidades de lenha e contribuindo assim para agravar o que resultava das fogueiras comunais e das atividades das fábricas de curtumes, dos ferreiros e das casas de banhos que funcionavam na cidade.

Cato torceu o nariz ao sentir o cheiro atroz que se espalhava sobre o rio, trazido pela brisa de leste.

— Uma pessoa esquece-se do horrível fedor desta cidade — murmurou Macro, desanimado; o veterano estava de pé ao lado do amigo na pequena proa elevada da barça. Eram os únicos passageiros. O resto do espaço disponível a bordo era ocupado por ânforas de azeite vindas da Hispânia. A barça estava tão pesadamente carregada que o bordo estava a pouco mais de trinta centímetros da superfície da água reluzente do Tibre.

— Oh, não é assim tão mau! — Ouviu-se uma voz animada por trás deles, e os dois soldados viraram-se quando notaram o capitão a aproximar-se, serpenteando com toda a cautela por entre as ânforas. A leve estrutura corporal do homem era evidente até debaixo da túnica e da pesada capa. Na cabeça ostentava um gorro de feltro, do qual emergiam pedaços hirsutos de cabelo escuro. Sorriu, mostrando uma frente desalinhada de dentes que fez Cato lembrar-se de uma fileira de pedras tumulares manchadas e esquecidas pelo tempo. — Diz-se que quem vive por aqui depressa se habitua. Claro, não é o meu caso; eu e ali o gaiato fazemos a viagem de Óstia para cá só umas cinco ou seis vezes por mês. — Fez um gesto a indicar o filho, que manobrava o timão na popa da barça; esquelético como o pai

e certamente com menos de dez anos de idade. — A verdade é que, ao pé disto, Óstia até cheira como um mercado de perfumes, porra.

— Não me digas — ripostou Macro de forma seca.

— Podes crer. — O capitão da barça assentiu, confirmando as próprias palavras. — Então, amigos, o que os traz a Roma? Soldados a gozar uma licença, não? Estiveram nas províncias?

Os olhos de Macro semicerraram-se, mostrando bem a desconfiança que sentia perante o chorrilho de perguntas.

— Quem somos e o que fazemos aqui não é da tua conta... amigo.

O outro levantou as mãos, como que a desculpar-se, mas continuou a sorrir.

— Não quis ofender ninguém! Nem estou a tentar tirar castanhas do lume. Era só uma pergunta amigável, para meter conversa. Assim que embarcaram em Óstia, topei que eram soldados. Disse-o ao meu filho: olha, tropas. Consegue-se ver pela forma como se portam e se mexem. Orgulhosos, firmes. Guerreiros. E olha para as cicatrizes, disse-lhe eu. Era óbvio. Portanto, senhores, peço imensa desculpa.

— Não há necessidade. — Cato sorriu. — E tens razão, acabamos de regressar de uma campanha na Britânia.

— Britânia? — O homem coçou o queixo. — Acho que já ouvi falar disso. Onde é que fica?

— Do outro lado do mar, a norte da Gália.

— Ah, pois, já estou a ver! Há uns anos houve uma grande festa quando o Imperador celebrou um triunfo lá para essas bandas.

— Sim.

— Porra, então como é que é isso de a campanha continuar? Disseram-nos que o lugar já estava conquistado.

— Derrotámos as tribos mais importantes. O exército está só a acabar de limpar o território — explicou Cato, calmamente. Tinham já passado cerca de quatro anos desde que os dois amigos tinham deixado a Britânia, e apesar de apenas terem ouvido aqui e ali retalhos de notícias sobre o progresso da campanha, era evidente que o capitão sabia ainda menos. Narciso tinha-lhes prometido um relatório detalhado, mais os documentos de nomeação para a Guarda Pretoriana, e cartas de recomendação forjadas, supostamente do governador da nova província, que lhes seriam entregues quando entrassem em contacto com o seu agente em Roma. — Aliás, eu e aqui o meu camarada combatemos na batalha decisiva. Estivemos na linha da frente da legião, e capturámos um chefe celta. Essa é a razão desta nossa viagem. O governador recomendou-nos para a Guarda Pretoriana, como recompensa pelos serviços prestados.

O capitão arregalou os olhos e abanou a cabeça.

— Ora essa, quem havia de acreditar? Caraças, dois heróis de guerra na minha barça. Esperem até eu contar ao gaiato! Sempre quis ser militar quando crescer. Por mim, sempre achei que devia ser uma boa vida. Bom salário. Casa e comida. E o uniforme! As mulheres não resistem a um uniforme, isso é garantido. E depois, a vida ao ar livre, a glória e os despojos de guerra, hã? Não é assim?

— Oh, sim, pois. — Macro sorriu. — Uma vida e peras, puedes crer. Uma festa permanente, pelo menos era o que eu julgava quando me alistei. Nem me passou pela cabeça que um dia havia de andar a combater bárbaros de cu peludo numa terra gelada e repleta de pântanos. É curiosa a forma como as coisas acabam por se passar. — Piscou o olho ao capitão. — A única coisa que me dá insónias é a preocupação: qual será a melhor forma de gastar a fortuna que recebo todos os meses?

— Ignora o meu companheiro — instou Cato. — Esta manhã saiu da cama pelo lado errado. Muito a sério. Ontem à noite emborcou uns litritos a mais e quando acordou, bateu com a cabeça numa trave.

— Muito engraçado — resmungou Macro. — Tive uma boa razão para me embebedar, não tive? Foda-se, e que razão. Já começo a pensar que devia era ter ficado onde estava.

O capitão da barça contemplava a cena, atónito.

— O quê, perder uma oportunidade de entrar para a Guarda Pretoriana?

Macro lançou-lhe um olhar gélido.

— Garanto-te isto: se o pudesse evitar, fá-lo-ia com todo o prazer.

Cato apressou-se a intervir.

— É da ressaca. Daqui a umas horas já lhe passou. Só precisa de descanso e de esquecer as preocupações.

— Isso vejo eu! — soltou o capitão com uma gargalhada, ao contemplar a expressão magoada de Macro. — Ainda assim, se fosse a vocês, habituava-me à bebida. Já vi os pretorianos a beber nalguns estabelecimentos mais próximos do cais. Não se ficam por meias medidas, e quando estão bem bebidos, são muito capazes de se tornarem difíceis de aguentar, garanto-vos! — Fez uma pausa e franziu o sobrolho. — E nos últimos tempos andam de mão pesada.

— Ah sim? — Cato olhou-o com ar curioso. — Tem havido problemas?

O capitão anuiu.

— Nos últimos meses, bastantes. O fornecimento de cereais tem andado por baixo, depois daquela confusão do ano passado lá pelo Egito. O preço tem subido sem parar. Ao povo isso não agrada, e já houve algumas lojas saqueadas, e alguns mercadores que comeram pela medida grande.

Foi nessa altura que a Guarda Pretoriana começou também a rachar umas cabeças. Bom, mais do que isso. Já limpavam o sebo a alguns. — Olhou para os dois soldados com ansiedade. — Suponho que foi necessário. Quer dizer, sem ordem não se consegue fazer nada, não é?

— Sim — ripostou Macro, sem margem para dúvidas.

— Bom, olha, não te queremos afastar dos teus deveres. — Cato aceitou para a popa da barça.

— Oh, não se preocupem. O rapaz é bem capaz de tomar conta do recado até à altura de serem lançados os cabos de amarração. — Sorriu com vontade. — Não é preciso estragar a festa.

— Qual festa? — contrapôs Macro. — Vai lá tratar das coisas.

O capitão mostrou surpresa e pareceu ficar magoado, acabando por se virar e se afastar lentamente, a caminho da ré da embarcação.

Cato supirou.

— Isso era mesmo necessário?

— O quê? Livrarmo-nos deste tagarela imprestável? Pareceu-me bem que sim, antes que detalhasses os nossos planos. O homem tem uma língua do tamanho do Tibre. Antes que o dia termine, já metade de Roma saberá da nossa chegada.

— E qual é o problema? — Cato deitou uma olhadela à popa, onde o capitão tinha tirado o leme das mãos do filho e mantinha o olhar preso na proa da barça. — O que poderá ele dizer? Que trouxe dois soldados de Óstia, que se iam juntar à Guarda Pretoriana. Isso não nos vai prejudicar. Pelo contrário. Se alguém se lembrar de nos investigar, o capitão só ajudará a confirmar a nossa história. E quem quer que o interrogue vai perceber imediatamente que o homem não tem jeito para papaguear uma história que lhe tenham dito para contar. — Cato fez uma pausa para que Macro percebesse a sua ideia. — Relaxe. Tem de tentar não pensar como um espião, porque corre o risco de deixar de se portar como um soldado. E se isso acontecer, o inimigo vai topar-nos num instante.

— Inimigo? — Macro inchou as bochechas. — Que lindo trabalho nós arranjámos. Cá estamos nós, a fingir que somos pretorianos, para podermos caçar e liquidar outros cidadãos de Roma que se limitam a possuir outro conjunto de ideais políticos. Enquanto esses, por sua vez, planeiam a morte do seu Imperador e de todos aqueles que se interpuserem entre eles e os seus propósitos. Entrementes, a fronteira do Império está repleta de verdadeiros inimigos que apreciariam sobremaneira se nos virássemos uns contra os outros. Perdoa-me se te pareço ingénuo, Cato, mas não achas que esta merda está toda fodida?

Cato manteve o silêncio por momentos, mas acabou por responder.

— Sim, é uma porra de uma confusão. Mas não nos diz respeito. Esta-

mos aqui para desempenhar uma missão. Pense o que quiser, mas isto não é assim tão diferente do que fazemos como soldados. Estamos aqui para procurar o inimigo, nos infiltrarmos nas suas posições e anularmos a ameaça. Macro, aos soldados não compete pensar no que está por trás das ordens. Não temos de debater os comos nem os porquês das campanhas em que combatemos por Roma. E a mesma coisa se passa com este trabalho. Certo ou errado, fizemos um juramento ao Imperador, e isso transforma quem quer que decida ser seu inimigo em nosso inimigo. Além disso, Roma podia estar em bem piores mãos do que nas do Cláudio. Muito piores.

Cato recostou-se no convés e contemplou a extensão de palácios, templos, teatros, mercados, banhos, casas particulares e blocos de apartamentos que cobriam as colinas de Roma. A expressão amarga de Macro desvaneceu-se, e o veterano sorriu para si mesmo.

— O que há de engraçado, agora?

— Estava só a pensar. Quando nos conhecemos, era eu que me agarraava às certezas do dever de um soldado, e tu quem constantemente olhava para o outro lado das coisas. Pelos deuses, isso dava comigo em doido.

— As pessoas mudam.

— Não me parece. Ou, pelo menos, não mudam assim tanto. Não, Cato, acho que te percebo muito bem. Isto tem tudo a ver com o desejo de alcançares a promoção que te permitirá o casamento com a Júlia. É engraçado como um homem tenta usar a razão para fundamentar o que são, no fundo, desejos do seu coração.

Cato olhou para o centurião com raiva, furioso por se mostrar tão transparente. Mas acalmou-se de imediato. O que o chocava realmente era a descoberta de que quase acreditava em tudo o que dissera a Macro. O único resquício de conforto era que Macro, mais do que outra pessoa qualquer, o conhecia suficientemente bem para ver através daquele discurso. Esperava apenas conseguir desempenhar o seu papel de forma adequada nos dias que se avizinhavam. Se não, seria com toda a certeza descoberto e morto.

A barçaça dirigiu-se para os grandes armazéns que delimitavam o sopé do monte Aventino. À frente daqueles ficava o porto fluvial, onde centenas de barças e outras embarcações de pequeno porte ocupavam um molhe que se estendia ao longo da margem do Tibre. À distância, na zona onde o rio fazia uma curva para oeste, Cato avistava a ponte Sublícia, cujos pilares de madeira obrigavam a corrente a acelerar de tal forma que impediam a passagem para montante das barças vindas de Óstia. A tarde caía rapidamente, e alguns dos detalhes da cidade não passavam já de formas cinzentas e indistintas, ao longe.

A equipagem de mulas chegou ao término da sua viagem, na ponta do cais, e o escravo soltou a canga e passou a corda de sirga para um grupo de

homens musculosos que aguardavam para puxar a barça até um lugar de atracagem. O capitão deixou o timão, e ele e o filho pegaram em varapaus grossos para afastar a embarcação das outras, já acostadas. Por vezes os barcos eram colocados em paralelo, ligados por pranchas para permitir a carga e descarga dos materiais transportados. O capitão olhou para a frente e reparou que não havia espaço para atracar a sua barça, pelo que procurou uma embarcação ainda por emparelhar ali perto.

— Além! — gritou, apontando o local aos homens que puxavam o barco. O chefe da equipa anuiu, e pouco depois a barça estava alinhada com a outra embarcação. Cato e Macro pegaram nas suas sacolas e cangas de marcha e esperaram que as pranchas estivessem bem colocadas, antes de se prepararem para deixar a barça.

— Boa sorte nas vossas novas colocações! — lançou o capitão, enquanto empurrava o filho na direção dos dois. — Este é o meu gaiato. Vem cá conhecer estes heróis da campanha na Britânia. Vá, rapaz, diz olá.

O rapaz olhou para eles com timidez e soltou uma saudação murmurada, que foi completamente afogada pelos gritos e avisos das equipas de estivadores no cais. Cato fez-lhe um sorriso e deu-lhe um aperto amigável no ombro.

— O teu pai diz que queres entrar para as legiões. Achas que és suficientemente rijo para isso?

O miúdo abanou a cabeça com convicção.

— Ainda não.

— Tenho a certeza que um dia o serás. Devias ter-me visto quando tinha a tua idade. Era só pele e osso, e mesmo assim safei-me bem.

Macro olhou-o com uma imitação de assombro, mas Cato ignorou-o e prosseguiu.

— Trabalha bem, o teu corpo há de enrijecer, e um dia poderás tornar-te um herói, e o orgulho do teu pai.

Macro não evitou um comentário em surdina.

— Ou podes muito bem acabar como o moço de recados de um liberto cheio de esquemas...

O sorriso do capitão esmoreceu ligeiramente.

— Tenho orgulho no que ele é já hoje.

— Evidentemente — replicou Cato com rapidez. — Macro, vamos.

Depois de pôr ao ombro o varapau em que prendia parte da carga, Cato seguiu com todo o cuidado pela prancha que se estendia até à embarcação seguinte e por fim até ao cais, sentindo-se imensamente aliviado por ter de novo terra firme debaixo dos pés, mesmo que o chão estivesse imundo. Macro juntou-se-lhe, e os dois homens olharam em volta por momentos, para se situarem.

— Onde é que disseste que nos íamos encontrar com o tal tipo de confiança do Narciso? — indagou Macro.

— Num botequim chamado Vinha de Dionísio, no lado norte do Boário. Pelo que o Narciso nos disse, deve ser por ali.

Cato apontou para os edifícios públicos que se erguiam ao fundo da fila de armazéns, e para lá se encaminharam, seguindo ao longo do cais. Depois da relativa quietude das ruas de Óstia, a capital do Império assaltava-os com uma confusão de ruídos e vistas, e uma mistura entre o cheiro a suor das pessoas e o omnipresente fumo acre. Colunas de escravos, muitos acorrentados uns aos outros, debatiam-se sob fardos de materiais exóticos, de ânforas de vinho e azeite e de pequenos recipientes selados e acomodados em caixas forradas de palha, contendo sem dúvida perfumes e aromas vindos do Oriente. Outros transportavam presas de marfim, ou tábuas de madeiras preciosas. Por entre eles viam-se os capitães de barças, os mercadores e os comerciantes de ocasião, e o ar estava repleto de vozes que falavam em diversas línguas: latim, grego, dialetos celtas, hebraico e outras ainda, que Cato nunca escutara antes. A escuridão crescia no pesado ar invernos. No meio do crepúsculo nasciam luzes dos braseiros que lançavam brilhos avermelhados sobre o pavimento do cais, forrado por lama e imundície. Alguns cães e gatos quase selvagens corriam por entre a multidão, farejando comida. Pedintes aconchegavam-se em arcadas e à frente de portas fechadas, batendo em taças de madeira ou latão para chamar a atenção e pedir uma moeda aos passantes.

Cato abria caminho pelo meio da turba e Macro seguia-o de perto, mantendo um aperto firme na canga onde seguiam as suas posses. De vez em quando deitava uma espreitadela à ponta do varapau, para ter a certeza que nenhum larápio o tinha aliviado de alguns pertences. Já tinha ouvido muitas histórias sobre facas bem afiadas usadas para rasgar os sacos de pele de cabra de forma a que uma mão ágil conseguisse extrair alguma coisa sem que o proprietário desse pela falcatrua.

— Merda, isto é como ficar bloqueado no coração de uma batalha.

— Mas não tão perigoso — ripostou Cato, antes de adicionar um comentário. — E sem sangue, corpos, gritos e aquela mão gelada de terror a apertar-nos a goela. Mas, à parte isso, tem razão.

— Muito engraçado.

A multidão tornou-se menos densa quando se aproximaram do arco que dava acesso ao mercado do Boário. Tal como os armazéns, tinha sido construído em grande escala, com uma entrada em colunas, sobre as quais um frontispício ostentava estátuas dos estadistas da era republicana, embora as suas pinturas originais apresentassem agora uma cobertura de sujida-

de e caca de pássaro. Naquela zona prevalecia um odor a sangue e carne que vinha das bancas dos talhantes próximas. Do outro lado da entrada abria-se uma vasta área, suficientemente larga para que uma legião aí pudesse acampar, calculou Cato. As bancas temporárias estavam já a ser desmanchadas e arrumadas em carros de mão, onde depois se empilhavam as mercadorias para venda; os conjuntos eram levados para pequenos armazéns na parte lateral do mercado. As bancas permanentes estavam também a ser encerradas, já que o dia de negócios estava a chegar ao fim. Em torno do Boário corria uma arcada de dois andares. No andar térreo situavam-se lojas e tabernas, e por cima ficavam os escritórios dos agentes que cobravam taxas e alugueres aos comerciantes. Muitos dos banqueiros da cidade tinham também escritórios alugados no piso superior, onde se podiam manter longe da confusão da ralé enquanto contavam os lucros.

A Vinha de Dionísio era fácil de encontrar. Por cima da entrada estava colocado um letreiro pintado de dimensões generosas. Um homem mal desenhado com um grande sorriso erguia um corno cheio de bebida até à borda, sobre um fundo de vinhas a abarrotar de uvas, no meio das quais, e numa fascinante variedade de posições, pares de amantes se dedicavam com zelo e vigor evidentes à satisfação dos seus instintos. Macro parou à porta com uma expressão de espanto.

— Aquilo ali não é de todo possível.

— É-o com toda a certeza, depois de ter provado os nossos néctares! — anunciou uma voz cheia de animação. Um tipo atarracado com cabelo fortemente oleado afastou-se dos pilares que enquadravam a entrada e convidou-os a entrar. — Os produtos da Vinha de Dionísio são conhecidos em toda a Roma. Bem-vindos, amigos! Façam o favor de entrar. Há mesas para todos, uma lareira acolhedora, boa comida, belos vinhos, e a melhor das companhias. — Piscou o olho. — E tudo isto, senhores, pelo mais módico dos preços.

— Só queremos comida e bebida — indicou Cato. — É tudo.

— Por agora, sim — acrescentou Macro, ainda a escrutinar as ilustrações do painel. — Depois logo se vê que mais...

O homem indicou o caminho aos novos clientes, antes que lhe escapassem, e seguiu-os até ao interior. Este era mais amplo do que Cato esperara, e prolongava-se por uns vinte metros. A meio de uma das paredes ficava um balcão, que era ladeado por alcovas, duas das quais tinham as cortinas fechadas. Numa das outras sentava-se uma mulher magra, com maquilhagem pesada e cabelo vermelho eriçado; tinha uma expressão de aborrecimento e apoiava a face na mão enquanto olhava para o salão sem se focar em nada. O estabelecimento estava repleto graças à primeira vaga de clientes da noite — homens que tinham encerrado as bancas ou concluído

os negócios do dia no Boário. A maior parte tomava uma bebida rápida antes de voltar para casa para passar a noite. No meio deles viam-se alguns bêbados confirmados, de olhos vidrados e veias bem evidentes nos narizes e faces, que estavam apenas a dar início a mais uma longa sessão de bebida até se esquecerem do que os tinha levado ali.

O homem que os convencera a entrar chamou o taberneiro, que acenou e fez duas pequenas marcas com giz na parede por cima das ânforas de vinho, para saber o número de clientes que o angariador tinha conseguido naquela noite.

— Eis a vossa mesa. — O homem apontou para uma tábua rodeada por quatro bancos, relativamente perto da porta. Cato e Macro agradeceram-lhe com um rápido aceno e furaram por entre os outros clientes, apoiando as cangas na parede antes de se sentarem.

Macro olhou em redor e cheirou o ar.

— Boa escolha, a do Narciso.

— Sim. O tipo de lugar em que um homem passa facilmente despercebido. Agradável e discreto.

— Eu estava a dizer que era uma boa escolha porque é o tipo de lugar que me agrada. Barato, animado e à espera de uma zaragata a qualquer momento.

— Pois, também há isso — replicou Cato, desatento. Estava a vasculhar a sala com o olhar, à procura de qualquer sinal do contacto. Só havia um punhado de homens a beberem sozinhos, mas nenhum deles lhe devolveu o olhar com alguma clareza. Entretanto, o taberneiro aproximou-se da mesa que ocupavam.

— Senhores, o que vai ser?

— O que é que há na casa? — indagou Macro.

— Está na parede. — O homem apontou para uma longa lista de vinhos regionais que tinha sido escrevinhada numa tábua, espetada na parede por trás do balcão.

— Hummm! — Macro sorriu enquanto percorria a lista com o olhar. — Que tal é o etrusco?

— Acabou.

— Oh, azar. O calabrês?

— Não há.

— Falerniano?

O homem abanou a cabeça.

— Bom, então o que há?

— Hoje, ligúrico ou belgico. E é só.

— Belgico? — Cato arregalou um olho. — Pensava que esses faziam cerveja.

— E fazem. — O taberneiro coçou o nariz. — E na minha opinião deviam limitar-se a isso.

— Estou a ver. — Cato encolheu os ombros. — Seja então o ligúrico. Um jarro pequeno e três copos.

— Sim, senhor. Boa escolha. — O outro inclinou a cabeça e virou-se para o balcão.

— Mas este está a tentar fazer-se engraçado, ou quê? — irritou-se Macro. — Bom, ligúrico? Nunca ouvi falar desse.

— Portanto, esta noite vamos aprender qualquer coisa nova.

O homem regressou com o vinho e os copos, e pousou-os na mesa.

— Cinco sestércios.

— Cinco? — Macro abanou a cabeça. — É um roubo.

— É o preço, pá.

— Muito bem — cortou Cato, extraíndo as moedas da pequena quantidade que Narciso lhes confiara. — Cá estão.

O taberneiro recolheu as moedas e acenou um agradecimento.

Cato pegou no jarro e cheirou o conteúdo. O nariz franziu-se-lhe involuntariamente perante o odor forte e ácido. Encheu os copos com um vinho escuro, quase negro. Macro ergueu o copo num brinde fingido e provou. Fez de imediato uma careta.

— Pelos deuses, espero bem que haja melhores bares perto do quartel.

Cato bebeu um gole cauteloso e sentiu o líquido amargo e quente a descer-lhe pela garganta até ao estômago. Pousou o copo e recostou-se contra a parede.

— Esperemos que o nosso contacto se revele, e depressa.

Macro anuiu. Esperaram em silêncio, beberricando, enquanto à sua volta os outros clientes emborcavam quantidades copiosas do único vinho disponível, aparentemente pouco incomodados com o sabor áspero. A atmosfera era alegre, exceto na mesa onde se sentavam os dois soldados, cuja impaciência aumentava à medida que a noite caía lá fora. Por fim Macro agitou-se, esvaziou o seu copo de um trago e pôs-se de pé. Fez um gesto vago na direção da mulher que ainda esperava na alcova.

— Vou... Hum, vou ali meter conversa.

— Macro, agora não. Estamos à espera de alguém. Haverá outra oportunidade.

— Bom, o facto é que o tipo não aparece, por isso bem posso divertir-me um bocadito.

— Não queremos atrair as atenções.

— Não vou fazê-lo. — Macro apontou para as cortinas fechadas. — Só vou seguir os costumes locais, mais nada.

Enquanto o veterano falava, a cortina que cerrava uma das alcovas

abriu-se devagar e um homem alto e magro com cabelo escuro e curto saiu. Já tinha posto a túnica, e segurava na mão um lenço de atar ao pescoço. Por trás dele, uma mulher vestia a túnica curta que denunciava o tipo de comércio a que se dedicava. O homem virou-se e lançou algumas moedas para cima da cama, antes de se dirigir para o meio da sala.

— Ora lá está — comentou Macro. — Ninguém lhe liga nenhuma.

Cato viu que o homem olhava em redor e pareceu reparar nos dois bancos vazios à mesa deles. Aproximou-se.

— Posso?

Cato meneou a cabeça.

— Não. Estamos à espera de um amigo.

— Eu sei. Sou eu. — O homem sorriu e sentou-se à mesa. Ergueu a mão de forma a que pudessem verificar que tinha um anel, e pousou-a ao lado da de Cato, para que este comprovasse que o desenho era idêntico. Cato contemplou-o com cuidado, notando os olhos escuros, o rosto barbeado, e a pequena tatuagem no pescoço que representava um crescente com estrela, antes que o homem a escondesse com o lenço que usava ao pescoço. Cato sentiu a desconfiança a apossar-se de si, enquanto o homem baixava a voz e falava. — Foi o Narciso que me enviou.

— A sério? Então como te chamas, amigo?

— Oscano Ótimo Sétimo — afirmou, num tom tão baixo que Cato mal conseguiu ouvir. — E, se não te importas, quero esse anel de volta. — Abriu a mão.

Cato hesitou um momento antes de tirar o anel e lho entregar.

— Presumo que não seja esse o teu verdadeiro nome.

— Serve muito bem. E daqui para a frente, a quem quer que isso possa interessar, vocês são os guardas Tito Ovídio Capito e Víbio Galo Cálido, percebido? Não seria prudente revelarem-me as vossas verdadeiras identidades.

Os nomes estavam bem evidentes nos documentos que Cato recebera; ele tomara a identidade de Capito, e Macro tornara-se Cálido, ambos veteranos da Segunda Legião.

— Essa marca no teu pescoço — comentou Macro. — Calculo que serviste na fronteira oriental.

Sétimo semicerrou ligeiramente os olhos.

— Talvez, sim.

— Nas legiões, ou nas coortes auxiliares?

Sétimo manteve-se calado, até que encolheu os ombros.

— Não que isso interesse, mas passei algum tempo numa coorte de cavalaria antes de ser recrutado pelo Narciso. — Fez um gesto para o pescoço. — Era o emblema da unidade. A maior parte dos que por lá

passaram tem-no. Um bocado chato, já que neste ramo tenho de o manter tapado.

— Imagino que sim — comentou Macro. Respirou fundo e soltou o ar, impaciente. — Bom, chegaste atrasado. E nós à espera, enquanto te entretinhas com a menina ali do canto.

Sétimo franziu o sobrolho.

— Aquilo? Pois sim. Era apenas um disfarce.

— Como queiras.

O agente de Narciso ripostou à insinuação do veterano.

— Se eu quisesse uma mulher, não seria uma daquelas. O facto é que a alcova dela foi um sítio perfeito de onde vos avaliar assim que apareceram. Bem como aos outros clientes. Só para ter a certeza que ninguém vos tinha seguido ou estava a vigiar. Desculpem a espera, mas tinha de estar seguro. Este negócio é demasiado perigoso para correr riscos desnecessários. Bom, as apresentações estão feitas. Vamos.

— Vamos? — Cato debruçou-se ligeiramente sobre a mesa. — Para onde?

— Para um local seguro. Onde poderemos conversar sem o risco de sermos ouvidos. Também é o sítio onde nos poderemos encontrar e onde poderão deixar mensagens em segurança. Não deverão ter problemas em entrar e sair do campo pretoriano — os soldados saem e voltam às casernas sem restrições. Será assim que nos comunicaremos na maior parte das vezes. — Sétimo olhou em redor, cauteloso. — Sigam-me. Mas vamos fingir que a situação é perfeitamente natural. O melhor será acabarmos as bebidas primeiro.

Encheu um copo e ergueu a voz.

— Um copo para o caminho!

Macro e Cato imitaram-no e acabaram com o vinho que tinham nos copos antes de pegarem nas trouxas e se levantarem. A taberna começava a encher-se de gente, pelo que tiveram de abrir caminho até à porta. Lá fora, o angariador continuava a tentar atrair clientes ao estabelecimento. Sorriu ao vê-los.

— A deixar-nos tão cedo? A noite ainda mal começou, senhores. Fiquem mais um pouco, bebam à vossa vontade.

Macro parou à frente do homem. Inspirou e falou em tom elevado, de forma a que os passantes o ouvissem bem.

— Quem quer que se atreva a encher a barriga com a zurrapa que vendem neste antro arrisca-se a ficar lá dentro por muito e muito tempo. Um veneno.

O angariador soltou uma gargalhada imediata, como se aquilo não passasse de uma piada combinada, e deu uma palmada no ombro de Ma-

cro enquanto este se virava para seguir Cato e Sétimo. Quase por instinto, Macro rodou e espetou o punho no estômago do outro. Enquanto o homem se dobrava sobre si mesmo, a tentar recuperar o fôlego, Macro recuou com um ar satisfeito.

— Ora bem, lá perdeste o ânimo. Pode ser que deixes de enganar os incautos por uns tempos.

Sétimo olhou preocupado para os que tinham parado a ver o desacato.

— Macro — sibilou Cato. — Vamos embora, antes que arranje maneira de passar ainda mais despercebido, sim?

Seguiram a passo despreocupado ao longo do Boário, e viraram para a larga via que passava entre os montes Palatino e Capitolino. À direita, espalhados sobre o primeiro, ficavam os edifícios do extenso complexo que englobava o palácio imperial; por todo o lado se avistavam tochas e braseiros a alumiar as colunas e estátuas que contemplavam Roma do alto. À esquerda, dominava a grande massa do Templo de Júpiter, edificado sobre um rochedo de faces abruptas e que só tinha acesso graças a uma rampa que ziguezagueava até lá acima. Entraram no fórum e passaram em frente ao Senado. Em sentido contrário vinha um grupo de jovens bem vestidos, a discutir em voz alta as proezas que tencionavam cumprir na noite que se avizinhava. Ao cruzarem-se com os dois soldados e o agente imperial, baixaram ligeiramente as vozes, mas logo que se viram mais longe, continuaram na brincadeira. Do outro lado do fórum, uma rua seguia ao longo do Templo da Paz e subia em direção à Subura, um dos bairros mais pobres da cidade, onde o crime dominava e os edifícios eram tão mal construídos que era raro o mês em que não se dava um desabamento ou incêndio num dos prédios de apartamentos.

— O Narciso não nos vai pôr outra vez na merda da Subura, espero eu — comentou Macro para Cato. — Fiquei farto daquilo da última vez que estivemos em Roma.

Sétimo deitou-lhes uma olhadela.

— Já estamos perto. Por acaso, a casa fica à saída da Subura. Ser-vos-á fácil chegar lá a partir do quartel. Mas não se preocupem. O apartamento fica num dos melhores blocos. Pelo menos foi o que me garantiu o senhorio, quando o aluguei.

— E acreditaste nele?

— Pouco me importa. Não tenho de viver lá.

A rua ganhava alguma inclinação, e depressa começaram a passar por entre as altas estruturas de tijolos em que residiam a maior parte dos habitantes da cidade. Os prédios sufocavam a rua, já que se erguiam de ambos os lados e bloqueavam o fraco brilho do céu noturno, de forma que ao nível da rua a escuridão era quase absoluta. Nas entradas de alguns

dos edifícios ardiam lucernas, mas as ruas eram escuras e apertadas. O que até nem era mau, considerou Cato, enquanto um odor fétido lhe enchia as narinas. Nem queria imaginar as coisas que pisava. Ao redor e por cima ouviam vozes. Gargalhadas, conversas calmas, gritos irados e choro de crianças, e o impacto do conteúdo de baldes de dejetos atirados para a rua.

— Cá estamos — anunciou Sétimo, subindo os poucos degraus que levavam a uma entrada estreita. Uma lamparina de óleo ardia num nicho e a sua luz revelava um brutamontes com uma simples túnica sentado num banco a um canto. O homem olhou com atenção para Sétimo e acenou, antes de acender uma vela e a passar para as mãos do agente imperial. À entrada abria-se um pequeno corredor que levava a uma escadaria estreita. Enquanto subia as escadas, Sétimo mantinha uma mão à frente da chama, para a proteger. No quarto andar parou junto a uma das portas e abriu-a. Levou-os para dentro, e os dois amigos pousaram as cangas sobre as tábuas do soalho.

— Só um momento, vou acender uma lamparina — avisou Sétimo, e dirigiu-se a uma prateleira. Inclinou a vela até conseguir passar a chama para a lamparina, que começou a produzir um brilho mais constante, e asoprou para apagar a vela. — Cá está.

Voltou a colocar a lamparina na prateleira e virou-se. À luz bruxuleante, Cato viu que o quarto estava vazio, descontando duas enxergas sobre o solo. Tinha uns três metros de lado, e uma porta que dava para outro compartimento similar.

— Não se pode dizer que seja o cúmulo do conforto — protestou Macro, testando a dureza de um dos colchões com a ponta da bota.

— É assim que nos interessa — respondeu Sétimo. — Não tem nada para roubar. De qualquer forma, o porteiro vigia a entrada, quando se lembra disso. — Procurou por uma pequena bolsa no interior da túnica e tirou dela um conjunto de rolos e duas tábuas enceradas, que lhes entregou. — O resto dos vossos documentos, e um relatório sobre a situação atual na Britânia. Podem passar aqui a noite e dirigirem-se ao campo pretoriano pela manhã. Se precisarem de me deixar alguma mensagem, ponham-na ali, sob a prateleira. A tábua do soalho está solta, e há um pequeno espaço vazio por baixo. Tratem de vir cá regularmente para verem se há novidades. Se deixarem uma mensagem, virem a ponta da lamparina para a porta. Se não, virem-na para trás. Se estiver virada para outro lado, saberemos que este esconderijo foi comprometido...

— Comprometido? — Macro riu. — O que é isso? Calão de agente secreto?

— Já percebemos — continuou Cato. — Assumo que poderemos usar

este sítio se precisarmos de desaparecer de repente. Ou de esconder alguma coisa.

Sétimo assentiu.

— E também se precisarem de se encontrar comigo, por qualquer razão. Vejam é se não são seguidos até aqui. Se o inimigo ficar a saber deste local, poderá vigiá-lo e perceber a minha ligação ao Narciso. Tenham todo o cuidado, e não arrisquem vir cá se suspeitarem de alguma coisa. — Olhou para Macro. — Percebido?

— Para mim está tudo claro, não te preocupes. É com ele que tens de te preocupar. Com o Cato.

— Não! — Sétimo ergueu a mão.— Daqui para a frente só podem usar os vossos novos nomes. E usem-nos sempre. Quem quer que fossem antes deste dia, esqueçam-se dessas identidades. Agora vocês são o Capito e o Cá-lido. — Encarou-os por momentos e dirigiu-se então para a porta. — Tratem de dormir. Amanhã será o vosso primeiro dia na Guarda Pretoriana.

Bem cedo na manhã seguinte já Macro e Cato saíam da cidade pela porta do monte Viminal e se dirigiam ao subúrbio onde, no tempo de Tibério, fora construído o quartel da Guarda Pretoriana. Caía uma chuva miudinha que formava pequenos charcos no grande terreiro que se estendia entre as muralhas da cidade e a orla do campo militar. Atravessaram-no, dirigindo-se ao portão principal, e apresentaram-se ao optio de serviço. Era um sujeito baixo e entroncado, com cabelo aparado e que já recuava da testa. Macro e Cato tinham pousado as cangas e estavam em sentido, enquanto a água da chuva pingava das bainhas das suas capas.

— Ora então, o que temos aqui? — indagou o optio, aparentemente bem-disposto.

Cato procurou na sacola que levava a tiracolo e entregou-lhe os documentos que atestavam a transferência dos dois amigos para a Guarda Pretoriana.

— Uma transferência da Segunda Legião, senhor. Os legionários Tito Ovídio Capito e Víbio Galo Cálido. Fomos colocados na Guarda.

— A sério? Capito e Cálido? Porra, com esses nomes até parecem uma parrelha de mimos. — O optio pegou no documento dobrado e abriu-o. Passou o olhar pelo texto e voltou a erguê-lo. — Diz aqui “Por conduta meritória no campo de batalha”. O que é que vocês fizeram, desancaram o exército bárbaro, os dois sozinhos?

Cato sentiu um profundo desejo de pôr aquele optio presunçoso no seu lugar, mas reprimiu o impulso. Tinham de se comportar como meros legionários, uma vez que era esse o papel que lhes fora atribuído.

— Não. Optio.

— Não? Ora bolas, muito gostava eu de saber o que fizeram vocês, seus heróis, para conseguirem uma transferência para a Guarda Pretoriana. Mas isso terá de esperar. — Contemplou-os e chamou um dos homens que aguardavam junto ao portão. — Tu, chega cá!

O pretoriano veio a correr e pôs-se em sentido. Cato deitou-lhe uma olhadela discreta. Era jovem, mal saído da adolescência. À semelhança dos pretorianos que tinham feito uma breve aparição nas fases iniciais da cam-

panha na Britânia, usava uma túnica de tom branco sujo, e um manto. Por baixo deste adivinhava-se uma armadura articulada, do género que ainda era preferido por alguns legionários. O resto do equipamento — gládio, adaga, botas, proteção da virilha e elmo — era o habitual. Só o escudo era diferente, oval em vez do retangular usado nas legiões. A frente era decorada com o desenho de um escorpião. O símbolo fora escolhido por um prefeito anterior, Sejano, para agradar ao seu senhor, o Imperador Tibério, que nascera sob esse signo estelar.

O optio dobrou o pergaminho e devolveu-o a Cato.

— Leva estes dois ao quartel-general. Quem trata do recrutamento, do treino e das transferências é o centurião Sínio. Leva-os a ele.

— Sim, senhor.

— Então, rapazes, toca a andar. Oh, e já agora, bem-vindos à Guarda Pretoriana. Vão ver que isto aqui é um bocado diferente da vida nas legiões.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor — agradeceu Cato.

Voltaram a colocar as cangas ao ombro e seguiram o soldado, deixando a casa da guarda e passando por baixo do arco do portão. O homem esperou que eles ajeitassem as cangas e seguiu pela larga avenida que levava ao centro do aquartelamento pretoriano. De ambos os lados viam-se casernas de dois andares, que tinham pelo menos uns cem passos de profundidade. O estuque que cobria as paredes estava impecável, e parecia ter sido pintado recentemente. O pavimento do caminho apresentava-se igualmente limpo, e era óbvio que era varrido com regularidade.

— O quartel tem um ar limpo e arrumado — comentou Macro.

— Oh, isso é graças ao Geta — respondeu o jovem pretoriano. — O homem não deixa passar nada. Mantém-nos em estado de prontidão. Inspeções de surpresa às casernas, alarmes a meio da noite e vistorias regulares ao equipamento são a norma por cá, pá. Não sei como se passam as coisas nas legiões, mas aqui em Roma será melhor fazerem como ele disser, senão estão tramados.

Cato olhou para o jovem.

— Presumo então que não vieste aqui parar transferido de uma legião.

— Eu? Não. Muitos dos rapazes foram recrutados no centro de Itália. É uma excelente colocação, por isso não é fácil entrar, mas com uma carta de recomendação de um magistrado local, a coisa geralmente faz-se. Infelizmente cheguei cá uns anitos atrasado, e já não pude beneficiar da doação que o Imperador fez quando subiu ao trono. O salário de cinco anos, deu ele a cada homem! Porra, é uma fortuna. Seja como for, o Cláudio não há de ser eterno, e quem lhe suceder ver-se-á obrigado a imitar-lhe a generosidade, se souber o que lhe convém.

Macro tossicou.

— A tua lealdade ao Imperador é comovente.

O pretoriano lançou-lhe um olhar dúbio, mas acabou por sorrir quando percebeu que Macro estava a meter-se com ele.

— Sou leal, sim. Sem um Imperador a quem proteger, o que seria da Guarda Pretoriana? Desmantelada, os homens enviados para as legiões, nem mais. Com metade do salário, enterrados nalguma fronteira esquecida e rodeados por bárbaros sequiosos de nos cortarem a garganta à primeira oportunidade. Uma perspetiva pouco agradável. — Fez uma pausa e olhou para os dois homens com intensidade. — Sem ofensa, claro.

— Não nos ofendeste — retorquiu Cato, sem dar importância ao desabafo do outro. — Mas diz-me uma coisa, os pretorianos são todos tão cínicos como tu? Sem ofensa, claro, mas dás-me a ideia de ser um tanto... Bem, um tanto mercenário.

— Mercenário? — O pretoriano pareceu considerar a sugestão. — Sim, suponho que a alguns é capaz de dar essa sensação. Para a maior parte do efetivo, é sobretudo um bom negócio. Salário generoso, acomodações confortáveis, bons lugares para os jogos, e nem sequer há grandes ocasiões para ter de trabalhar a sério. E, por acaso, vocês chegaram no bom momento. Daqui a dez dias são os jogos da Ascensão.

— Jogos da Ascensão?

— No aniversário do dia em que Cláudio se tornou Imperador. Organiza-se uma parada de gala aqui no quartel, uns combates de gladiadores, umas cerimónias mais ou menos interessantes, e no fim há um festim. Ele não se esquece de quem o pôs no poder, e empenha-se em manter boas relações com a Guarda Pretoriana. Portanto, podem começar logo a gozar as prendas que o Imperador nos dá. Isto dito, aqui não é propriamente um campo de férias. O Geta faz-nos trabalhar a sério, e se formos chamados a isso, estamos prontos a combater.

— Vimos os pretorianos em combate, uma vez — disse Macro. — Lá na Britânia. Portaram-se bastante bem.

A expressão do pretoriano abriu-se.

— Estiveram lá? Em Camuloduno?

Macro assentiu.

— Os que acompanharam o Imperador nessa altura contaram-me que foi uma batalha muito complicada.

— E foi. Mas não devia ter sido. O inimigo preparou-nos uma bela armadilha. Se o Cláudio não estivesse mortinho por avançar, quase às cegas, para obter a sua grande vitória, nunca teríamos caído na emboscada. A verdade é que a Segunda Legião salvou o dia, bem como as peles do Imperador e da Guarda Pretoriana.

— Vocês faziam parte da Segunda, não é?

— Sim. E com todo o orgulho. A Augusta Segunda Legião é a melhor dos exércitos. Devias ter-nos visto, rapaz. Uma batalha e outra, e sempre a malhar nos celtas. E não são propriamente uns moles, aqueles tipos. São grandes, corajosos, e nada lhes agrada mais na vida do que um bom combate. Não foi uma campanha fácil. Sei que há quem, em Roma, tenha outra opinião. Mas esses não estiveram lá. Eu estive, sei o que vi, e o que digo é a verdade. Não é assim, Ca. . .

Cato teve um repentino ataque de tosse, e lançou um olhar furibundo ao amigo. Este corou e pigarreou, antes de prosseguir.

— Olha, pergunta aqui ao Capito, quando lhe tiver passado a tosse.

O pretoriano olhou para Cato, mas depressa voltou a focar-se em Macro.

— Olha, Cálido, dou-te um conselho. Se fosse a ti, teria algum cuidado com o que dizes da tua antiga legião à frente de alguns dos rapazes. Têm uma certa tendência para pensar que, estando diretamente ao serviço do Imperador, somos nós os melhores soldados de todo o exército.

— E tu, o que pensas?

— Não conheci outra unidade, só a Guarda. Penso que seria um tanto impróprio dar opiniões sobre coisas acerca das quais não tenho qualquer experiência.

Macro sorriu.

— És um rapaz esperto.

Tinham chegado ao coração do campo e pela primeira vez Cato e Macro avistaram o edifício do quartel-general, com uma imponente frontaria colonada. Macro soltou um assobio baixinho.

— Porra, parece mais um templo do que um edifício militar.

Entraram, contemplando com assombro os relevos no teto do arco da entrada. Lá dentro abria-se um espaço amplo, de uns trinta metros de lado, calculou Cato, ladeado por mais colunas. Diretamente oposta ao portão havia outra porta que levava aos gabinetes que ocupavam o lado distante do quadrado. Um grupo de escribas, enrolados nas suas capas, passarinhavam por ali, cumprindo os seus afazeres, e uma secção de soldados montava guarda no exterior da zona dos gabinetes. O pretoriano explicou ao optio que a comandava as ordens que recebera e largou o escudo, ao mesmo tempo que desapertava o cinturão com a espada e a adaga, deixando-os com as armas que outros visitantes tinham deixado sobre uma mesa à entrada.

O optio acenou a Cato e Macro.

— Deixem aqui os vossos fardos e sacolas. Trazem alguma arma convosco?

Cato apontou para a mochila com o equipamento.

— Ali dentro.

— Ali dentro, *senhor* — irritou-se o optio.

Cato pôs-se em sentido.

— Sim, senhor.

— Não faço ideia como anda a disciplina nas legiões, mas aqui na Guarda não é descurada. Nunca — prosseguiu o optio, enquanto Macro se apressava a imitar o amigo e se punha também em sentido. O optio arreganhou o lábio enquanto observava os mantos e túnicas gastas que envergavam. — E o mesmo se aplica ao vosso fardamento. O prefeito Geta gosta de ver os homens bem ataviados. Vocês parecem vagabundos. Não se atrevam a pôr essas carantonhas de fora outra vez sem estarem limpos e bem vestidos. Percebido?

— Sim, senhor — responderam em coro Macro e Cato.

— Bom, tu, leva-os lá à presença do centurião Sínio. — Sorriu friamente. — Atrevo-me a adivinhar que o centurião também ficará pouco agradado com a vossa aparência. Vão.

Seguiram o jovem pretoriano para o átrio e depois viraram à direita, entrando num comprido corredor com gabinetes a um dos lados e longas mesas onde se sentavam escribas, por entre pilhas de tábuas enceradas e cestos repletos de rolos de pergaminhos. Bem alto nas paredes havia fendas estreitas que mal forneciam a iluminação suficiente para os homens trabalharem, e Cato notou que muitos deles tinham de esforçar a vista para perceberem os pequenos detalhes dos registos que estavam a verificar. Ainda estava pouco satisfeito com a receção gelada que tinha recebido no campo. Tinha-se acostumado à deferência automática por parte das patentes mais baixas, e era para ele quase insuportável ver-se de volta aos seus primeiros dias no exército e ser de novo tratado como um legionário comum. Já não era o prefeito Cato, era apenas o guarda Capito, e tinha de viver e agir como se fosse realmente esse personagem. O mesmo se aplicava a Macro. Ao olhar para o lado quando passavam em frente ao primeiro gabinete, Cato notou que Macro não parecia perturbado pela reprimenda que acabara de receber. Isso era uma surpresa, considerou. Temera que, pelo contrário, o veterano se irritasse com tal tratamento e não fosse capaz de o esconder.

— Cá estamos — anunciou o pretoriano. Indicou a porta mais próxima. Ao contrário da maior parte das outras no corredor, esta estava fechada. — O gabinete do centurião Sínio.

Fez uma breve pausa para dar oportunidade aos dois para se ajustarem, e depois bateu.

— Um momento! — respondeu do interior uma voz abafada. Deu-se uma breve pausa. — Entrem!

O jovem soldado levantou o ferrolho e abriu a porta para dentro. Avançou até ao limiar, colocou-se em sentido e inclinou a cabeça.

— Senhor, peço licença para informar que o optio de serviço ao portão principal me deu ordens para escoltar estes dois novos recrutas até ao quartel-general.

Cato, sendo mais alto do que a maioria dos soldados, conseguia ver o interior do gabinete por cima do ombro do pretoriano. O centurião estava a fechar uma tábua encerada que arrumou num pequeno cofre com documentos, que mantinha ao lado da secretária. Sínio aparentava entre vinte e muitos e trinta e poucos anos de idade; demasiado novo para ter conseguido alcançar aquela patente pelo lento processo normal de subida nas fileiras. Cato adivinhou que devia ter entrado para a Guarda logo como centurião. Um membro de uma rica família da classe equestre que resolvera renunciar aos seus privilégios sociais para se juntar à Guarda Pretoriana. Tinha cabelo claro, o que era pouco usual num romano, com um penteado que tentava esconder os sinais de uma calvície prematura. Era um homem esguio, rijo de corpo e de face austera. Porém, quando olhou para cima, fê-lo com um sorriso caloroso.

— Muito bem, fá-los entrar.

O jovem soldado afastou-se para dar passagem a Macro e Cato, que marcharam até uma distância respeitosa da secretária do centurião, de ombros recuados e peitos empertigados. O gabinete tinha uma área generosa, com cerca de cinco metros de lado. Uma janela de portadas cerradas ficava por trás da mesa e a luz só entrava por duas outras aberturas ao cimo da parede, junto ao beiral. A parede à esquerda estava coberta por estantes onde se arquivavam tábuas, folhas de papiro e rolos de pergaminho. Num cabide instalado na parede oposta estavam pendurados uma placa peitoral reluzente e um elmo finamente decorado, encimado por uma pluma vermelha.

Sínio olhou brevemente para os dois recrutas e acenou ao pretoriano.

— Podes ir. Fecha a porta ao saíres.

O jovem obedeceu e ouviu-se um pequeno estalo quando a tranca voltou a encaixar-se no seu lugar. Sínio avaliou mais lentamente os recém-chegados. Cato não devolveu o olhar, mantendo a vista fixa em frente, num pequeno busto do Imperador que se via num pedestal junto à parede do fundo.

— Bom, vamos despachar os preliminares. — Sínio inclinou-se para a frente e esticou a mão. — Os vossos documentos de transferência, por favor.

— Sim, senhor. — Cato pegou no papiro dobrado e na carta de recomendação e passou-os para a mão do centurião. Sínio leu os documentos de imediato, e batucou com o dedo no selo imperial que certificava o ofício de transferência, como que para se assegurar de que era genuíno.

— Vocês vêm muito bem recomendados. O vosso anterior comandan-

te tem palavras muito elogiosas para convosco. Diz que são ambos soldados exemplares. Veremos isso, já que na Guarda Pretoriana os padrões são um tanto mais elevados do que nas legiões. Seja como for, os papéis estão em ordem, e o palácio imperial aprovou a vossa transferência, portanto eis-vos guardas. — Olhou de novo para os documentos. — Qual de vocês é o Capito?

— Eu, senhor — disse Cato.

— E Cálido. — O centurião sorriu a Macro. — Sejam bem-vindos. Apesar do que eu disse sobre os padrões, a verdade é que à Guarda dão sempre jeito soldados experientes. Não somos chamados a combater com grande regularidade, mas quando tal sucede, existe um grande peso de responsabilidade sobre os nossos ombros. E nesse caso, quantos mais veteranos tivermos nas fileiras, melhor. O outro lado da moeda é que vocês têm de perceber que os vossos novos deveres exigem uma absoluta adesão aos protocolos estabelecidos. Os vossos papéis especificam que serão colocados na centúria do Lurco, na Quinta Coorte. O centurião Lurco está de folga, portanto vão-se apresentar ao comandante da coorte. — Fez uma pausa. — Ao que parece, o Imperador ficou tão impressionado com a vossa bravura que solicitou que vocês fossem designados para a sua proteção, bem como da sua família. Por isso é que vão para a coorte a quem foi atribuída a guarda do palácio.

— Sentimo-nos honrados, senhor — respondeu Cato.

— E é assim mesmo que se devem sentir. Um lugar destes geralmente só é concedido depois de alguns anos de serviço na Guarda. E mesmo nessa altura, os homens têm de saber precisamente como se devem comportar em cada situação. No palácio imperial existe uma hierarquia muito rígida, e todos os guardas devem conhecê-la e dirigir-se aos membros da família imperial estritamente de acordo com a sua posição. Sendo eu o oficial responsável pelo recrutamento, treino e pessoal das coortes da Guarda, farei o meu melhor para vos preparar, embora não esteja neste posto há muito mais do que um mês. Vou tratar de arranjar alguém com experiência para vos explicar os detalhes. — Sorriu de novo. — Terão de ter paciência comigo, tal como eu terei convosco, sim?

— Sim, senhor — responderam os dois.

— A coorte do palácio é comandada pelo tribuno Burro. — Sínio pegou num estilete e fez uma rápida anotação numa tábua.

— *Tribuno* Burro, senhor? — admirou-se Macro.

— Foi o que eu disse — ripostou Sínio irritado, mas a sua expressão desanuviou-se imediatamente. — Ah, estou a perceber. Nas legiões, os tribunos são oficiais do estado-maior, não é? Aqui na Guarda é diferente. As coortes são comandadas por tribunos, que normalmente ocupam o posto

por um ano, antes da reforma. E não é a única diferença. As coortes da Guarda têm o dobro do efetivo das das legiões. Aliás, há cerca de dez mil pretorianos no ativo. Alguns estão destacados noutros lugares, mas a maior parte está aqui neste aquartelamento, o que deixa mais de nove mil homens ao dispor do Imperador em caso de emergência. E faz com que a população pense duas vezes antes de arranjar confusão. — Fez uma breve pausa. — Claro que não somos os únicos encarregues de manter a ordem. Há também as coortes urbanas e os vigilantes, que se encarregam de patrulhar as vias principais da cidade e de dispersar zaragatas de bêbados e coisas do género. Os pretorianos estão aqui como um último recurso. Portanto, quando avançamos, toda a gente sabe que é a sério.

— E isso acontece com frequência, senhor? — indagou Macro.

— Não. Mas há problemas a fermentar. — O tom de Sínio tornou-se mais sério. — Graças à disrupção do fornecimento de cereal do Egipto no ano passado, as reservas dos celeiros imperiais estão muito baixas. A distribuição aos populares já levou um corte, e começa a surgir alguma fome, isto enquanto os preços sobem todos os dias. Já ocorreram alguns motins de pequena dimensão. É engraçado — refletiu. — Aqui estamos nós, na maior cidade do mundo. Temos banhos esplendorosos, teatros, arenas, bens e luxos que chegam de todos os cantos do mundo, as maiores mentes pesquisam nas nossas bibliotecas, e um Imperador a seguir ao outro tem promovido a construção de magníficos templos e edifícios públicos. E ainda assim nunca estamos a mais do que algumas refeições da desordem e do colapso da estrutura social.

Cato e Macro não fizeram qualquer comentário e continuaram em sentido.

Sínio suspirou.

— À vontade. Já tratámos das formalidades. Agora, só estou curioso sobre as vossas pessoas. Tenho algumas questões.

Os dois homens abandonaram a postura rígida e trocaram um olhar. Cato limpou a garganta e respondeu pelos dois.

— Sim, senhor.

— Em primeiro lugar, vêm da Britânia?

— Sim, senhor.

— Onde continuam as campanhas, apesar de o Cláudio ter celebrado um triunfo que lhe foi concedido pelo Senado devido à conquista da Britânia, já há uns anos.

— Senhor, controlamos o coração da ilha. Forçámos os nossos inimigos a recuar para as montanhas que orlam a nova província. É apenas uma questão de tempo até que as legiões terminem o trabalho.

— A sério? É que eu tenho um primo na Nona Legião. De tempos a

tempos escreve-me, e devo dizer que ele não partilha a vossa confiança na progressão das nossas forças. Segundo o que diz, está a ser difícil esmagar os que ainda nos resistem. O inimigo lança constantes ataques contra as nossas linhas de abastecimento, e assim que dispomos forças importantes no terreno, desaparece sem deixar rasto.

— É a nova forma de eles lutarem, senhor — interveio Macro. — A que se viram obrigados depois de desistirem de nos enfrentar em campo aberto. É a estratégia dos derrotados. E tudo o que conseguem é ganhar mais um tempo antes de terem de se submeter a Roma.

— Bem gostaria que o meu primo tivesse a tua natureza tão fleumática, Cálido. Porém, ele não é o único soldado que parece pensar que a campanha não decorre tão bem como o palácio imperial gostaria de nos fazer acreditar. Talvez exista uma diferença de opiniões entre as fileiras e os oficiais. Afinal de contas, os soldados comuns como vocês os dois não têm a perspetiva global da situação. Digam-me, o que pensam os homens das legiões? Como é que... se sentem?

Cato considerou cuidadosamente a questão. Já tinham passado alguns anos desde que ele e Macro tinham deixado a Segunda Legião. E já nessa altura a campanha pesava no espírito de muitos. Porém, isso era de esperar. A questão ali era a de conseguir aproveitar aquela oportunidade para testar o pensamento do centurião que se sentava à sua frente.

— Há quem não esteja de todo feliz com a sua colocação, senhor — começou Cato, em tom moderado.

— Prossegue.

— Não posso realmente falar por eles.

— Capito, percebo o que queres dizer. Mas tem calma, isto é uma conversa informal. Agora estás na Guarda, e nada o poderá alterar. Estou apenas curioso quanto à situação na Britânia. Confia em mim.

Cato deitou um olhar rápido a Macro, mas este estava demasiado inseguro sobre o rumo da conversa para se intrometer. Limitou-se a encolher os ombros poderosos.

— Bem, senhor — começou Cato. — Quando nos viemos embora, a opinião nas fileiras era de que a campanha não avançava. É um facto que controlamos o sul e o leste da ilha, mas fora dessa zona são as tribos quem manda. Atacam as nossas colunas de abastecimento, os nossos postos avançados, e desaparecem. Conhecem o terreno e movem-se com rapidez, o que não nos dá praticamente qualquer possibilidade de os apanhar. — Fez uma pausa. — Se quer mesmo a minha opinião, a nova província nunca será um lugar seguro. O melhor que tínhamos a fazer era aceitar as perdas e retirar, senhor. — Sentiu-se tomado pela inspiração e resolveu continuar. — Até ouvi alguns oficiais da legião a discutirem o assunto numa noite, senhor.

Estava eu de sentinela. Querem tanto sair dali como nós, e um deles disse mesmo que a única razão para lá estarmos era a necessidade de Cláudio se armar em herói conquistador. E que assim que ele tinha tido o seu triunfo, se tinha esquecido do exército na Britânia.

— Estou a ver. — Sínio mordeu os lábios. — Ao que parece, o Imperador não está lá muito bem visto no seio das legiões que estão na Britânia.

Cato olhou para ele com ar nervoso.

— Assim parecia quando eu e o Cálido deixámos a Segunda, senhor. A situação pode ter-se alterado entretanto.

— Claro, é sempre possível. Capito, obrigado pela franqueza. E podes estar tranquilo, esta nossa conversa nunca sairá destas paredes.

Cato assentiu.

— Obrigado, senhor.

Sínio fez um gesto com a mão, apagando o assunto.

— Não penses mais nisso. Bom, o nosso encontro está no fim. Vão ter de ir aos armazéns recolher o vosso material antes de se juntarem à coorte em que foram colocados. Os homens do tribuno Burro estão nas casernas no canto sudoeste do campo. Entreguem esta tábua ao escrivão da coorte quando lá se apresentarem, e serão colocados na centúria do centurião Lurco.

— Sim, senhor.

— Só me resta portanto dar-vos as boas-vindas à Guarda Pretoriana. Cumpram os vossos deveres e não se metam em assuntos escuros, e verão que se trata de uma excelente posição. O vosso maior desafio será provavelmente o de afastar todas as mulheres que adoram o uniforme, bem como o salário e o estatuto que o acompanham. E não estou só a falar das mulheres vulgares, na rua. Há um bom número de esposas de senadores que muito apreciam a companhia dos pretorianos.

Macro não evitou um sorriso perante o cenário que lhe preencheu a mente.

O centurião calou-se por momentos, antes de prosseguir em voz mais baixa.

— Um conselho de amigo. Evitem toda e qualquer tentação de se tornarem próximos de um qualquer membro da família imperial, se é que me estão a entender. Considerem-se avisados. Podem ir.

Os dois amigos deixaram o gabinete e fecharam a porta ao sair. O centurião Sínio olhou para ela por momentos, perdido em pensamentos, e depois abriu a arca dos documentos e tirou a tábua que estivera a examinar antes da chegada dos dois novos guardas. Pegou num estilete, tomou mais algumas notas e devolveu-a à arca. Levantou-se da secretária e saiu do edifício para dar algumas instruções a um dos seus comandados.

Macro pegou na toga branca e abanou a cabeça.
 — Isto não é roupa para um soldado. É suposto pôr isto sobre o ombro esquerdo e deixar a ponta cair sobre o braço, não é?

Cato, do outro lado do compartimento, confirmou.

— É um disparate — prosseguiu Macro. — Com esta coisa em cima, como é que alguém consegue manejar decentemente uma espada? O mais certo é enredar-se nela e ferir-se a si mesmo muito antes de conseguir derubar o adversário.

Fez uma trouxa da veste e lançou-a para cima da cama, antes de se sentar com uma expressão de desalento e lançar a vista sobre o resto do equipamento que lhe tinha sido distribuído na messe. A toga era o traje formal de um membro da Guarda quando estava de serviço na cidade. Uma concessão aos habitantes de Roma ainda arreigados aos valores da velha República, tempos em que a presença de homens armados nas ruas seria tida como uma ameaça à liberdade dos cidadãos. Por razão similar, Cláudio tinha-se habituado a utilizar uma toga sem adornos em muitas ocasiões de cerimónia, omitindo até a mais fina das faixas púrpura utilizadas por magistrados do mais baixo escalão. Tal exibição de humildade caía no goto da multidão e no dos membros mais facilmente impressionáveis do Senado. Mas quanto a Macro, a toga era algo de completamente inútil para soldados que supostamente estavam a guardar o palácio imperial.

— Então e os guarda-costas germanos? — Macro voltou a olhar para Cato. — Também têm de usar isto?

— Não. Mas no fim de contas são apenas bárbaros, acho que da Batávia. Se fossem vistos com togas, isso, sim, seria uma ofensa à sensibilidade da opinião pública.

— Que treta — resmungou Macro. Voltou a contemplar as outras peças de equipamento. Havia uma armadura funcional, uma couraça de latão, um elmo com crista decorada e guardas de rosto, finas mas sem utilidade prática e sem proteção no pescoço. E depois as túnicas de tom creme e as capas de castanho-claro que facilmente apanhariam toda a sujidade e pó das ruas de Roma, e que teriam de ser limpas constantemente. Por fim,

lá estavam a espada curta, o escudo oval e o pesado dardo que, esses ao menos, pareciam verdadeiro equipamento militar. Cato já tinha dobrado a toga, as túnicas e as capas, e tinha-as depositado muito bem arrumadas na prateleira por cima da cama. Com um suspiro, Macro resolveu finalmente imitar o amigo.

— Que conversa foi aquela sobre a falta de moral dos rapazes na Britânia? — perguntou.

Cato assobiou, irado, levantou-se num repente e atravessou o quarto até à porta. Espreitou para fora. Tinha-lhes sido atribuído um quarto confortável no segundo andar, com outros dois homens da Sexta Centúria da Terceira Coorte, a unidade a quem estava naquele momento atribuída a proteção do palácio imperial e do séquito que acompanhava Cláudio sempre que este se dignava sair para visitar o Senado ou para apreciar algum entretenimento num teatro, na arena ou na pista de corridas. Nas legiões, os soldados eram forçados a amontoar-se, oito por quarto, ou por tenda quando em campanha. Ali, na Guarda, eram quatro homens por quarto, e os compartimentos eram arejados e bem iluminados por janelas com persianas. Cato avistou alguns vultos no corredor, à distância, debruçados sobre o parapeito do varandim que dava para a alameda que conduzia ao estabelecimento de banhos do campo. Também este era de uma escala enorme, se comparado com o que era habitual numa instalação das legiões. Compartimentos alinhavam-se num dos lados de um pátio de exercícios de chão arenoso, rodeado por um muro baixo. Os outros pretorianos ignoraram-no. Algumas das portas que davam para o corredor estavam abertas, mas as conversas que se desenrolavam no interior eram impossíveis de escutar. Cato regressou à cama e sentou-se na beira.

— Mantenha a voz baixa quando conversarmos. E lembre-se de que temos de utilizar os nomes falsos em todas as circunstâncias.

— Já sei — resmungou Macro, enquanto acabava de dobrar as roupas. Sentou-se em frente ao amigo. — Desculpa lá aquilo de há bocado. É que não me sinto lá muito confortável com esta história de fingir que sou outro tipo qualquer.

— Bom, fazia bem em se habituar. Por agora somos espíões, e não podemos fazer nada quanto a isso enquanto não resolvermos o assunto. Se falharmos, o Narciso lança-nos às feras. Isso, claro, partindo do princípio de que conseguimos sobreviver às atenções, sem dúvida amigáveis, dos Libertadores.

— Sim, sim, pois — ripostou Macro, enfadado. — Vou concentrar-me nesta história, prometo. Mas diz-me lá, Capito... — Não conseguiu evitar um sorriso fugaz ao usar o nome inventado. — Porque é que deste ao Sínio aquela ideia acerca da situação na Britânia?

— Tinha de lhe dizer qualquer coisa, para garantir que ele engolia a nossa história. E nessa altura ocorreu-me que, se mencionasse algum descontentamento, isso não deixaria de ser interessante para o outro lado. Mesmo que o Sínio não tenha nada a ver com a conspiração, é muito provável que ele comente o que nós dissemos com os outros oficiais. E assim os nossos nomes são falados, e fica a pairar a ideia de que talvez possamos acolher com agrado um contacto da parte daqueles que se opõem ao Imperador. — Cato encheu de ar as bochechas. — Bom, foi isso que me passou pela cabeça, de qualquer maneira.

Macro assentiu.

— Parece-me bem. Como de costume, meu caro, a tua mente retorcida esteve à altura dos acontecimentos. Não me espanta que o Narciso tanto te aprecie. — Lançou um olhar intenso sobre o jovem. — Já te imagino a tomar o lugar dele no palácio, um dia destes. Acho que te ias safar muito bem.

Cato encarou-o sem vestígio de humor, e respondeu num tom de voz deliberadamente baixo e áspero.

— Pode ser que venha a fazer isso mesmo.

Por momentos encararam-se em silêncio, até que Macro deu uma palmada no ombro do amigo.

— Eh pá, desta vez quase que me enganaste!

Macro soltou sonoras gargalhadas, às quais Cato se juntou com vontade. Ainda estavam a rir quando ouviram passos que se aproximavam e surgiu um vulto à entrada do quarto. Cato rodou sobre si mesmo e contemplou um homem magro, de face estreita, que os observava friamente. A pele apresentava numerosas manchas, e o cabelo estava tismado de cinzento. Cato supôs que seria alguns anos mais velho que Macro. Levantou-se e ofereceu o braço ao recém-chegado.

— Chamo-me Tito Ovídio Capito. Estava na Segunda Legião antes de ser transferido para a Guarda.

— Capito — assentiu o homem. — Folgo em ver-te tão animado. Por acaso, fazes parte da minha secção. — Apontou o próprio peito com o polegar. — O nome é Lúcio Polino Tigelino. Optio da centúria, ajudante do centurião Lurco. E ali o teu amigo é o outro tipo novo?

Macro levantou-se.

— O amigo é capaz de falar. Víbio Galo Cálido. Também vindo da Segunda.

Tigelino fungou.

— Tanto quanto me lembro, uma unidade como outra qualquer. Vocês podem ter impressionado os vossos superiores lá na Britânia, mas se querem ser bem vistos por aqui, vão ter de se esforçar. Nem eu nem o tribuno Burro somos facilmente impressionáveis.

— Faremos o nosso melhor — aplacou-o Cato.

— Excelente; portanto o melhor será porem imediatamente as vossas túnicas de serviço e irem apresentar-se ao tribuno. — Tigelino apontou para a farda da legião. — E livrem-se desses trapos. Vendam-nos no mercado, já não terão necessidade deles, e não os quero ver a entulhar as prateleiras. E se fosse a vocês, despachava-me. O tribuno detesta molengões.

Virou-se e afastou-se pelo corredor. No momento seguinte outra face surgiu à porta e entrou. Era um jovem, talvez da mesma idade que o soldado que os tinha levado até ao quartel-general, mas aos olhos de Cato este parecia ter um aspeto demasiado imberbe para ser um soldado. O pensamento apanhou-o de surpresa, e percebeu que ele próprio era pouco mais velho do que o jovem pretoriano que ali estava à sua frente. Porém, eram uns anos de experiência que faziam muita diferença, refletiu.

O pretoriano olhou em redor, para se assegurar de que Tigelino já não estava a uma distância que lhe permitisse ouvir as suas palavras.

— Não se ralem com ele. O Tigelino faz todos os novatos passar um mau bocado. Diz que lhes faz bem, que os mantém atentos. Deviam ter visto como ele me costumava tratar. — Sorriu. — Chamo-me Fúscio.

Macro sorriu também.

— Eu sou o Cálido, e aqui o magricela é o Capito. Fomos transferidos das legiões.

— Foi o que calculei quando vi a... — As palavras falharam-lhe quando apontou para a cicatriz que cruzava o rosto de Cato. — Como é que arran-jaste isso?

— Uma espadeirada — explicou Cato, sem emoção. — No ano passado, na... Britânia. Fui ferido numa emboscada feita pelos durotrígios.

Fúscio contemplou-o por momentos, com evidente assombro, até perceber que estava a fazer figura de parvo, e corar, embaraçado.

— Aposto que vocês devem ter uma boa série de histórias da Britânia.

— Apostas? Quanto, exatamente? — inquiriu Macro, com ar sério. — Meu caro jovem, se queres histórias interessantes, é comigo mesmo que tens de falar.

— Oh? — Fúscio não fazia ideia de como continuar sem correr o risco de ofender um dos homens, pelo que murmurou qualquer coisa enquanto se esgueirava para junto de uma das camas ao lado da janela. — Bom, seja como for, é bom ter mais alguém no quarto. O Tigelino não é um grande conversador. Bom, falar ele fala, mas sobretudo para se queixar disto e daquilo.

— Já reparámos — comentou Cato, enquanto tirava a túnica vermelha que ainda trazia e vestia a sua nova túnica de pretoriano. — Vá, Cálido, toca a despachar.

— Quando acabarem os vossos deveres, ficam já avisados de que eu e alguns dos rapazes vamos sair logo à noite para beber um copo — anunciou Fúscio. — Querem vir connosco?

— Boa ideia — retorquiu Cato enquanto alisava a túnica sobre o corpo e apertava o grosso cinturão. — Cálido?

— Porque não? Uma bebida decente seria bem-vinda, depois daquela mistela asquerosa que emborcámos à chegada a Roma.

— Ótimo, então vamos lá ter com o tribuno.

O tribuno Burro era um verdadeiro veterano, já avançado nos anos. Pelo número de cicatrizes que ostentava no rosto e nos braços, devia ter passado um bom número de anos nas legiões antes de ser designado para a Guarda Pretoriana. Era quase careca, com apenas uma coroa de cabelos brancos. Tinha perdido um olho, pelo que usava uma pala de cabedal sobre a órbita vazia, mantida no lugar por uma tira fina. Era alto e sólido, e Cato imaginou que, na flor da idade, devia ter tido uma figura de impor respeito. Agora, porém, passava os seus últimos anos de serviço na Guarda até receber a sua gratificação final e deixar o exército. Poderia depois talvez utilizar o facto de ascender à classe equestre para conseguir uma posição administrativa ali mesmo em Roma ou nalguma outra cidade da península itálica, mas Cato adivinhava que o homem preferiria a companhia de velhos soldados à de burocratas. Portanto, o tribuno acabaria provavelmente os seus dias numa colónia militar, gozando o respeito de homens que lhe reconheceriam o valor, mesmo sendo ele já velho e frágil.

— Bom, escusam de ficar a apreciar a porra da porta! — lançou o tribuno.

Quando Cato e Macro se colocaram à sua frente em sentido, o oficial escrutinou-os com toda a atenção antes de continuar.

— Até que enfim, soldados a sério! Porra, que já era altura. Nos últimos tempos tenho recebido demasiados destes rapazinhos da cidade, tão doces e gentis. Sobretudo depois de todas as baixas que tivemos na Britânia. Mas vocês devem lembrar-se daquela batalha às portas de Camuloduno. Foi a vossa legião que nos safou daquela armadilha. Foda-se, que aqueles celtas são uns cabrões bem tramados. Lutam bem, e conseguiram forçar os pretorianos a dar o seu melhor, embora para dizer a verdade tenhamos levado uma tareia — concluiu. — Bom, enfim, é muito agradável receber dois veteranos nesta coorte. Embora me pareça que um de vocês ainda é um bocado a dar para o jovem, hã? Qual és tu?

— Capito, senhor.

— Idade?

— Vinte e cinco, senhor.

— Tens portanto uns sete anos de serviço.

— Quase oito, senhor. Alistei-me pouco depois de fazer dezassete.

Burro franziu o sobrolho.

— Isso é contra os regulamentos. Dezoito é a idade mínima.

— O meu pai mandou-me para o exército assim que achou que eu estava pronto para isso — afirmou Cato, tentando apresentar a sua história sem qualquer emoção.

— Deve sentir-se orgulhoso, então. Portaste-te muito bem.

— Obrigado, senhor.

Burro virou a atenção para Macro.

— E tu, o que contas? Pelo teu ar, já andas nisto há muito tempo. Quantos anos tens de serviço, Cálido?

— Vinte e três anos, senhor.

— Pelos deuses, ao fim desse tempo todo, continuas a ser um mero legionário? Já devias ter sido morto, ou então já devias ser centurião, ou pelo menos optio. Que desculpa é que me vais dar?

Macro engoliu o azedume e respondeu de forma direta.

— Senhor, antes de mais sou um soldado, um homem das fileiras. Nunca vi nenhuma boa razão para tentar ser promovido. Gosto da vida básica do soldado. Luto como ninguém, e já abati um bom número de inimigos de Roma ao longo dos anos.

— Ser um combatente feroz é uma coisa, mas achas que estarás à altura das exigências de ser um pretoriano? Vais estar constantemente sob o olhar dos senadores e do povo de Roma. Ser um bom soldado vai muito para além de liquidar inimigos. Se fizeres borrada e desgraçares a Guarda Pretoriana, serás um embaraço para o Imperador e pior, muito pior, far-me-ás passar uma vergonha. Se isso alguma vez suceder, faço-te desabar em cima tanta merda que nunca mais terás na boca outro sabor, Cálido, percebeste?

— Sim, senhor.

Deu-se uma pausa enquanto o tribuno esperava que a sua ameaça se entranhasse no espírito dos homens à sua frente; depois tossicou e prosseguiu num tom mais moderado.

— Vou dizer-vos aquilo que digo a todos os recrutas que me têm aparecido nos últimos meses. Juntaram-se a nós em tempos difíceis. O Imperador está a envelhecer, e não será eterno, mesmo que algum senador idiota lhe garanta um voto elevando-o à divindade. É uma pena, porque, como Imperador, tem sido um dos melhores que tivemos até hoje. Ainda assim, é feito de carne e osso, portanto acabará por falecer. O nosso trabalho é garantir que isso vai ocorrer por causas naturais e nenhuma outras. Claro que conheço a velha história: causas naturais na família imperial incluem algumas formas bizarras, tais como envenenamento, uma faca nas costas

ou uma espada nas entranhas, ser sufocado com uma almofada, e por aí fora. Nada disso sucederá enquanto eu for o comandante da coorte que guarda o palácio. Portanto, sempre que estiverem de serviço, olhos bem abertos. Não confio naqueles cabrões germanos da guarda pessoal, nem um bocadinho; sei o que lhes fazia se pudesse. A nossa função é impedir qualquer malfeitor de se aproximar de Cláudio o suficiente para justificar o que recebem os sacanas dos germanos. Para mim, os meus homens são a primeira e última linha de defesa do Imperador. Se qualquer um de vós se tiver de lançar para a frente da faca de um assassino para salvar a vida do Imperador, será isso mesmo que fará, e sem qualquer hesitação. Se não estão dispostos a isso, não têm lugar na minha coorte. Fui claro?

— Sim, senhor — responderam Cato e Macro de imediato.

— Ótimo. Como vos disse, a situação está complicada. Há várias fações no palácio que já estão a traçar os seus planos para a sucessão. Alguns apoiam o Britânico, outros preferem aquele arrivista do Nero. Além disso, há uma pandilha de libertos que são conselheiros do Imperador, o Pallas, o Narciso e o Calisto, uns bons sacripantas, sempre a inventar esquemas. Todos eles manobram para fazer uma aliança com o seu candidato preferido ao púrpura. Por mim tudo bem, desde que não se atrevam a tentar algum truque para acelerar o processo. Portanto, atenção a perigos internos, tanto como aos externos. Alguma pergunta? — Olhou para um e depois para o outro. — Não? Bom, então o Tigelino tratará de vos informar sobre os protocolos básicos, amanhã. Espero que aprendam depressa, porque entrarão de serviço depois de amanhã. É um caso de nadar ou afogarem-se, rapazes. Estão dispensados.

— Um bando de soldadinhos de merda, a brincar às guerras, é o que são os pretorianos — comentou Macro enquanto caminhavam pelas ruas que levavam ao estabelecimento que Fúscio mencionara. A escuridão reinava, e os dois homens cobriam-se com as capas, tentando afastar o frio de uma noite de inverno. De ambos os lados da avenida erguiam-se as escuras massas dos periclitantes blocos de apartamentos de construção pouco cuidada; só uma ocasional lamparina ou vela a arder no interior de um deles quebrava as trevas. O ar cheirava a suor, esgoto e podridão, numa mistura fétida. Macro continuou a arengar. — Tudo o que fazem é treinar para desfiles em parada.

— Pensei que apreciava esse aspeto do nosso trabalho — contrariou Cato. — Costumava passar o tempo a lembrar-me que o treino constante era a razão do sucesso do exército romano.

— Sim, claro, mas também se pode exagerar — concedeu Macro, a contragosto. — O importante é que o treino deve servir para preparar batalhas, não paradas e cerimónias infundas. É suposto sermos soldados, e não inúteis peças ornamentais.

— Será? Os homens têm um certo estilo, convenhamos, e atrevo-me a suspeitar que se forem forçados a lutar, não desonrarão a reputação da Guarda.

Macro deitou um olhar de soslaio a Cato, e não viu o cadáver de um cão que jazia no chão, acabando por tropeçar nele.

— Oh, merda! Foda-se, pisei as tripas, olha-me bem para isto... — Parou para raspar a sola das botas contra a parede. — Ia eu a dizer que temos tantas hipóteses de ver os pretorianos em ação como de dar com as vestais numa orgia. Acontece, mas muito raramente.

— Não estamos aqui para nos envolvermos em combates. Não quero fazer parte da Guarda Pretoriana nem mais um momento do que aquilo a que fui obrigado. Temos um objetivo aqui, e um único.

— Sim, já sei, descobrir e liquidar os traidores.

— Estava mais a pensar em conseguir que aquele verme do Narciso pague tudo o que nos deve.

Macro riu e deu uma palmada no ombro do amigo.

— Miúdo, tens toda a razão!

Cato sorriu. Por muito que ressentisse o facto de ter de voltar a justificar a sua promoção a prefeito, agradava-lhe voltar a ter a mesma patente que Macro. Tinham existido momentos de tensão entre eles quando Macro se vira obrigado a respeitar a superior posição hierárquica de Cato, e este lamentara a perda da familiaridade fácil que tinha caracterizado a relação entre eles nos anos anteriores. Isso voltaria a alterar-se quando terminassem a tarefa que tinham entre mãos, refletiu Cato, deixando que a tristeza o invadisse. Se Narciso mantivesse a palavra, veria a sua promoção a prefeito confirmada, e obteria o comando de uma coorte auxiliar. O mais provável era que Macro fosse nomeado para um cargo numa legião, e assim ver-se-iam separados. Mas para que isso acontecesse, era primeiro necessário concluir com êxito a missão, lembrou-se.

— Deve ser aqui. — Macro apontou para um pequeno largo dominado por uma fonte pública ao centro. Ao entardecer, tinha-se levantado uma brisa forte, que tinha limpo a maior parte da cortina de fumo que normalmente cobria Roma, e agora as estrelas brilhavam friamente no firmamento, banhando a cidade com um longínquo brilho, que mal permitia distinguir a linha dos telhados dos edifícios de apartamentos no monte Esquilino. Quando os dois soldados entraram na praça, avistaram à direita uma porta larga com um painel por cima, onde se podia ler em letras bem desenhadas: “Rio de Vinho”. O som de risos e gritos espalhava-se pela praça, e a porta abriu-se para deixar passar um homem a cambalear, que se debruçou para vomitar na rua, à luz mortiça das lamparinas e tochas que ardiam no interior.

— A foz do rio, sem dúvida — sugeriu Cato.

— Muito engraçado. Vamos mas é à nascente. Estou seco.

Cato segurou no braço do amigo para o deter por um momento.

— Beba, sim. Mas não exagere. Não podemos arriscar-nos a cometer qualquer erro.

— Prometo que me vou manter tão sóbrio como uma vestal.

— Segundo algumas opiniões, esse está longe de ser um bom termo de comparação.

Atravessaram o largo e rodearam cuidadosamente o homem ainda debruçado para a sarjeta, que continuava a vomitar, largando tudo o que tinha nas entranhas. Ao entrar, Cato notou que a taberna era larga e se prolongava sob o bloco de apartamentos que se apoiava nas grossas colunas que dividiam a sala. Já estava repleta com os clientes noturnos, e o ar era quente e abafado, devido ao fumo das velas e lamparinas, e ao odor acre do vinho barato. As lajes do soalho estavam cobertas por uma camada de palha e

serradura. Cato calculou que havia mais de cem homens e algumas mulheres empilhados naquele espaço, e todas as mesas estavam ocupadas, de tal forma que havia clientes sentados no chão, com as costas apoiadas nas paredes. Havia grupos de guardas de folga, bem como homens das coortes urbanas. Os outros eram civis.

— Ei! Aqui!

Viraram-se para a voz e avistaram Fúscio, que lhes acenava do canto junto à entrada. Estava sentado a uma mesa longa, com mais alguns guardas. À sua frente já se viam vários jarros de vinho.

Cato e Macro dirigiram-se para a mesa e Fúscio, já bem bebido, tratou das apresentações.

— Malta! Aqui estão os dois novos rapazes de que vos falei. Bom, rapazes não será o termo mais correto, não é? — Lançou os braços em torno dos ombros dos recém-chegados e respirou na cara de Cato enquanto lhe sorria com ar atordoado. — Este é o Capito. E aqui está o Calo.

— Quem aqui está é o Cálido — corrigiu-o Macro, sem se chatear. Olhou para os outros homens à volta da mesa e acenou à laia de saudação geral. Eram nove, três com aspeto de veteranos e os outros com ar jovem e faces rosadas e frescas como Fúscio. Quase todos pareciam já ter bebido pelo menos tanto como este, embora os veteranos aguentassem melhor a bebida e dessem a sensação de ainda saberem o que estavam a fazer.

— Sentem-se — continuou Fúscio, antes de olhar em volta e perceber que já não havia lugares livres à mesa. Virou-se para a mesa mais próxima, onde se sentavam três jovens de aspeto esquelético, entretidos com uma prostituta gorda a quem não paravam de oferecer bebidas.

— Levantem-se! — ordenou. — Ei, toca a alçar! Preciso desse banco.

Um dos miúdos olhou para ele e ripostou:

— Vai-te catar! Vai procurar um banco para outras bandas. Este está ocupado.

— Já não está. Quando um pretoriano te diz para saltares, tu saltas. E agora toca a levantar.

— Vais obrigar-nos, é? — O outro sorriu com ar frio enquanto deixava a mão deslizar para o cinto.

Fúscio deu um passo ao lado, revelando a mesa com os seus camaradas sentados.

— Só se nos forçares a isso.

Os pretorianos lançaram olhares ameaçadores aos jovens. Estes perceberam a situação e acabaram por se levantar, obrigando também a mulher a sair do banco, apesar dos seus protestos. Estava tão ébria que tinha os membros flácidos, e os três companheiros tiveram de se esforçar para a carregar

para outras paragens. Fúscio puxou o banco para junto da mesa e indicou a Cato e Macro que se sentassem.

— Ora cá está. À cabeça da mesa. Bebam um copo. — Pegou no jarro. Verificou que estava vazio e pegou no seguinte; encheu dois copos até à borda e empurrou-os na direção de Cato e Macro, entornando uma boa parte do líquido com esse gesto.

Pegaram nos copos e ergueram-nos ao alto, num brinde aos outros homens. Cato simulou que sorvia um trago, mas cuspiu a maior parte de volta ao cálice, antes de discretamente baixar o recipiente até junto da perna e o vaziar para o solo. Macro tinha de facto bebido uma boa porção, e já limpava a boca às costas da mão.

— Ahhh, nada mau!

— Claro. — Fúscio sorriu. — Guardam o melhor material para os pretorianos, porque nós pagamos bem e não se atrevem a servir-nos a zurrapa habitual.

— Já percebi. — Cato cerrou os lábios, e repetiu o gesto de levar a taça à boca, fingindo que voltava a beber.

— Então o que acham da nova colocação, até agora? — quis saber um dos companheiros de Fúscio. — É ou não é o melhor posto do exército?

— Há um mundo de diferenças entre a Guarda Pretoriana e o exército a sério — ripostou Macro. — Sim, é uma boa posição, mas não é verdadeiro trabalho de soldado.

Cato franziu o sobrolho ao notar que as expressões dos outros homens ao redor da mesa se toldavam. Mas um dos mais veteranos escarrou de forma bem audível antes de soltar uma gargalhada, o que aliviou a tensão. Todos riram.

— É mesmo típico dos sacanas dos legionários! — soltou outro dos veteranos. — Acham que são os donos do exército. Chegam cá com um ar superior, todos inchados. Caralho, deem-lhes um ano de Guarda e nunca mais se lembram de que em tempos foram legionários.

Macro debruçou-se sobre a mesa e apontou um dedo ao outro.

— Olha lá. Não sabes do que falas. Se mostrares desrespeito pelas legiões à minha frente ou à do Capito, somos bem capazes de levar isso a peito, de tal forma que é capaz de nos dar vontade de te aplicar uma carga de porrada. Não é verdade, Capito?

— O quê? — Cato lançou um olhar furioso ao amigo.

— Já estou farto destes janotas mariconços. Só sabem falar do equipamento impecável, como se isso tivesse muita importância. — Bebeu mais um trago e prosseguiu. — Recebem o dobro do salário de um soldado decente e estão para aqui à boa vida, enquanto o mesmo soldado arrisca a vida por Roma...

— E então? — respondeu o veterano na outra ponta da mesa. — Tiveste os teus anos de campanha, como eu, e esta é a recompensa que sempre prometemos a nós mesmos, e que finalmente chegou. Vale mais tarde do que nunca. Qual é o teu problema com isso?

Macro encarou-o com animosidade, depois esvaziou o copo, bateu-o na mesa e escarrou para o lado.

— Foda-se, não tenho nem a sombra de um problema! E agora chamam-me o copo outra vez.

Os homens à volta da mesa irromperam em gargalhadas, e Fúscio apressou-se a deitar mais vinho no copo de Macro. Olhou para Cato, mas este abanou a cabeça com um sorriso.

— Digam-me — começou Cato. — A que propósito é aquele treino todo que ouvi dizer que tem havido na Guarda? Eu a pensar que isto era uma colocação tranquila. Pelo que ouvi dizer, dá a sensação de que o prefeito Geta anda a preparar os pretorianos para a guerra.

— O cabrão do Geta! — soltou um dos mais jovens. — Desde que o Crispim entrou de baixa que o Geta nos tem feito trabalhar como cães. Ele é marchas, treino de espada, e aqueles alarmes falsos de merda, noite e dia. Estou farto. Parece-me bem que tens razão. Ele quer é convencer o Imperador a mandar-nos para a guerra. — O homem contemplou o resto de líquido que tinha no copo. — Com a sorte que tenho, os pretorianos ainda acabam por ser enviados para a Britânia para limpar aquela confusão toda.

— Ah! — Fúscio bateu as palmas. — O mundo é pequeno! Aqui o amigo Capito acaba de regressar lá da Britânia. E o Cálido também.

— Ah sim? — Um dos pretorianos mais velhos fez um esforço para focar a atenção nos recém-chegados. — E o que nos dizem então? Estamos a ganhar?

Cato cerrou os lábios.

— Define ganhar.

— Defino ganhar? — O homem enrugou a face. — Foda-se, que raio de pergunta. Ou estamos a ganhar, ou não estamos. Como é afinal?

— Tens de dar um desconto aqui ao meu amigo — interveio Macro. — Julga-se uma espécie de filósofo. A verdade é que os celtas são uns cabrões mais rijos de roer do que o Imperador pensava. Numa batalha como deve ser não dão para aquecer, por isso dedicam-se a fazer emboscadas aos nossos, e depois a fugir como lebres. Uns cobardes de merda, mas a verdade é que nos estão a liquidar, homem a homem. Se querem saber a minha opinião, acho que Roma passa muito bem sem esses bárbaros que adoram chafurdar na lama. O Imperador devia era trazer as nossas tropas para casa.

— E quanto aos druidas? — indagou um dos pretorianos mais jovens.

— O que há?

— Se não os esmagarmos na Britânia, acabaremos por ter de os combater na Gália, e depois disso em todos os sítios onde eles conseguirem chegar. Pelo menos foi o que eu ouvi dizer.

— Então esquece o que ouviste — contrapôs Macro com dureza. — Digo-vos eu, os druidas estão derrotados. Refugiaram-se nas montanhas. Estão acabados. Aquela treita de que tivemos de invadir a Britânia para salvar o Império da ameaça dos druidas é uma mentira de merda. Há apenas uma razão para as legiões estarem na Britânia, e é para fazer o Imperador passar por um valente conquistador. Um Imperador semidecente nunca poria as vidas dos seus soldados em risco só para fazer boa figura junto da população.

Cato tinha estado a observar as reações dos soldados ao discurso do amigo, e verificou que quase todos faziam gestos de aprovação com a cabeça. O descontentamento com a política imperial para a Britânia era evidente. E as implicações da última frase de Macro não tinham passado despercebidas.

— Ele não há de durar para sempre — murmurou uma voz.

— E depois, meu cretino? — ripostou o veterano que falara antes. — Achas mesmo que vamos encontrar um Imperador melhor do que o Cláudio à espera ali à esquina?

— Pior não podia ser. Aquele miúdo, o Nero, tem coração, e gosta dos guardas. Visita muitas vezes o campo. Ele há de tratar bem de nós.

— Já vi essa cena. O jovem Gaio Calígula era igualzinho, e olha como esse acabou.

Nessa altura ouviu-se um forte clamor de gritos, lançados por um grupo de homens de aspeto duro e túnicas imundas que entrou na taberna. Era evidente que já tinham estado a beber, e que estavam muito bem-dispostos — até que o líder do grupo, um homem de gigantesca envergadura, avistou os pretorianos e abriu os braços para deter os seus companheiros. Os outros clientes notaram o gesto, e depressa todas as conversas se interromperam, deixando imperar o silêncio.

— Ora vejam bem, rapazes! — gritou o chefe do bando. — Esta noite foi-nos dada a honra de ter a presença dos soldadinhos de brincar do Imperador! Olhem bem para eles. A encher as panças de vinho. Tal como fazem todos os dias com o melhor pão e as carnes mais finas.

— Quem é aquele monstro? — indagou Cato.

— Céstio — informou Fúscio. — É o líder do bando do Viminal, um grupo de desordeiros rijos como cornos. De tempos a tempos vêm aqui beber uns copos.

— Só ele parece-me bem rijo.

— E é. Em tempos praticou luta nas arenas. Partiu o pescoço a dois homens com as mãos nuas.

Céstio cruzou os grossos braços e olhou com raiva para os pretorianos, antes de prosseguir.

— Oh sim, eles tratam-se bem, enquanto o resto de Roma passa fome. Nunca em dias de vida vi um bando semelhante de mariconços e mandriões. É tudo brilho e roupinha bem apertada, sem nada lá dentro. Não há entre eles um único verdadeiro soldado. Já vi homens mais capazes a pedir na sarjeta.

Alguns dos clientes tinham-se entretanto levantado e iam-se aproximando da saída, tentando passar despercebidos. Outros seguiram-lhes o exemplo, enquanto os pretorianos que estavam espalhados por outras mesas se levantavam e, mais ou menos cambaleantes, começavam a concentrar-se em torno da mesa onde ainda se sentavam Cato, Macro e os outros.

— Parece-me que a situação se torna delicada — murmurou Cato.

— Talvez — confirmou Macro. — Vamos lá a ver do que são feitos estes rapazes dos pretorianos.

— Com toda a franqueza, preferia que tanto eles como nós saíssemos disto inteiros.

Cato olhou para Céstio, que se aproximava deliberadamente deles, atravessando a taberna que se esvaziava rapidamente. Junto ao balcão, o taberneiro tentava recolher o máximo de copos e jarros que pudesse antes que rebentasse a tempestade. Pousou uma primeira leva por trás do balcão e correu a recolher mais, enquanto ainda podia. Céstio e os seus capangas cerravam fileiras contra os pretorianos, e Cato apercebeu-se de que alguns deles eram suficientemente audaciosos para se atreverem a desafiar a lei e trazerem facas nos cintos. Outros tinham pesados e duros porretes de couro. Cato não trazia quaisquer armas, e um rápido olhar em volta revelou que poucos dos pretorianos tinham vindo armados, quase todos com pequenas facas que usavam para cortar pão e carne.

— Há uma lei contra o porte de armas no interior das muralhas da cidade — lembrou Cato, da forma mais ousada que encontrou. Deu-se uma breve pausa em que todos os olhos se voltaram para ele, com expressões divertidas e surpresas.

Céstio estava já a curta distância dos soldados.

— Esta taberna, por acaso, fica no meu território. E aqui sou eu quem dita as leis. Lamento, rapazes, mas vão ter de se pôr a andar — disse, com uma simulada boa educação. — E é já.

Fúscio olhou para os outros pretorianos, e a mão começou a descair-lhe para pegar na capa, até que Macro lhe deu uma palmada.

— Amigo, estamos apenas a tomar uma bebida com toda a tranquili-

dade. — Macro sorriu ao gigante. — Como podes ver, graças à vossa entrada, há imenso espaço neste estabelecimento, e portanto podemos perfeitamente ficar todos cá dentro.

Os cantos da boca de Céstio curvaram-se num meio-sorriso que também traduzia um profundo desprezo.

— Ah, mas uma bebida tranquila é precisamente aquilo que me apetece, e uma vara de barulhentos suínos pretorianos vai estragar-me a vontade. — Fez um gesto com o polegar sobre o ombro. — Portanto, andor.

Macro pareceu desapontado.

— Não é preciso ser tão suscetível. — Fez uma pausa e cheirou o ar. — Além disso, tu e os teus amigos deitam um pivete como se tivessem acabado de rastejar do esgoto para fora. Sem ofensa, é a realidade. Bom, para mantermos a coisa tranquila, não é preciso armar confusão, pois não? Tu e o teu grupo podem perfeitamente ir beber ali para aquele canto. E até somos nós a oferecer a primeira rodada, já que, como dizes, a podemos pagar. Vamos a isso! — Pegou no jarro mais próximo e encheu uma caneca. Virou-se para Céstio, avançou um passo e ofereceu-lhe a caneca. O olhar do gigante foi instintivamente atraído para a bebida. E foi esse o momento que Macro escolheu para lhe esmagar a vasilha contra a face. O recipiente estilhaçou-se com estrondo, lançando fragmentos de barro e vinho para todo o lado. Céstio cambaleou um passo para trás, com o sangue a escorrer do nariz partido. Macro atirou a asa do jarro para o chão e lançou um grito com a sua voz de parada.

— VAMOS A ELES!

Pegou num banco e lançou-se contra os membros do bando. Um deles, com maior presença de espírito, saltou para a frente do seu chefe e agachou-se, fazendo com que o banco que Macro brandia lhe passasse por cima da cabeça. Os pretorianos que ainda estavam em condições de lutar avançaram, lançando murros; outros, já demasiado bebidos, imitavam-nos sem perceber bem onde estavam os oponentes. O homem que avançara contra Macro levantou o braço para tentar desviar novo golpe, mas acabou por levar com ele na têmpora, e ouviu-se o som inconfundível de um osso a quebrar, seguido por um grito de agonia. Cato cerrou os punhos e procurou um adversário.

— Estás à espera de quê? — chamou Macro, por cima do ombro. — De um convite? Dá-lhes porrada!

Os dois lados estavam equilibrados em número, e a luta já se espalhava por toda a taberna

— Nãooooo! — gritou o taberneiro, retirando uma vasilha de cima de uma mesa mesmo antes de esta se quebrar ao sofrer o impacto de dois homens envolvidos num abraço pouco amigável, cada um tentando apertar as

goelas do outro. Mais mesas e bancos voaram e viraram-se, acompanhados por canecas e jarros de barro, e havia jatos de vinho escuro a explodir por todo o lado. Cato avançou de punhos erguidos. À sua frente, um dos pretorianos tropeçou e desviou-se para o lado, deixando à vista um homem baixo mas forte, com cabelo escuro. Tinha a boca aberta, revelando poucos dentes, e todos tortos. Cato saltou em frente, lançando o punho direito contra o adversário. Atingiu-o no queixo, forçando a mandíbula a fechar-se repentinamente; o homem caiu de joelhos, e Cato aproveitou a vantagem, aplicando-lhe uma série de murros nos dois lados da cara, até o deixar desacordado no solo.

Uma rápida olhadela permitiu-lhe verificar que Macro continuava a atacar Céstio, afundando os punhos na cara e no estômago do homem, numa sequência imparável de golpes poderosos. Porém, o chefe do bando estava a aguentar o assalto e tinha levantado os punhos para se proteger dos murros de Macro. Céstio sacudiu a cabeça, numa tentativa de clarear a visão, e passou ao contra-ataque com um grunhido poderoso que se sobre pôs a todo o ruído da zaragata, uma mistura de gemidos, gritos e estrondos. O gigante lançou um poderoso soco de esquerda, um golpe de profissional que apanhou Macro no ombro e o fez recuar um passo. Céstio tentou imediatamente atingi-lo de lado com a direita, mas o veterano teve tempo suficiente para se esquivar e aplicar por sua vez um gancho ao queixo do adversário. A cabeça de Céstio estremeceu, mas ele continuou a avançar e voltou a atingir Macro, desta vez em cheio nas costelas, primeiro, e depois por baixo do olho esquerdo, deitando-lhe a cabeça para trás. Macro recuou, afetado, e chocou com a mesa onde tinha estado sentado pouco antes. As canecas e jarros voaram e tombaram para o solo. Macro estava zozzo, a piscar os olhos, e o brutamontes aproximou-se. Céstio sorriu cruelmente e começou a castigar o veterano com murros no estômago e na boca, abrindo-lhe o lábio.

Cato percebeu que, se não reagisse, Macro seria severamente espancado. Empurrou um dos pretorianos para o lado e tentou desesperadamente aproximar-se do amigo. Nem viu o golpe que se aproximava, mas de repente a cabeça saltou-lhe para o lado e ficou a ver a dobrar. Baixou a cabeça por instinto e ergueu os punhos numa posição defensiva, e o murro seguinte mal lhe raspou pelo cotovelo. Apercebeu-se de que Fúscio acabava de derrubar um oponente e continuava a sovar o homem com uma perna de um banco destroçado.

— Fúscio! — gritou-lhe. O jovem guarda levantou o olhar e Cato aproveitou. — Ajuda o Macro!

Fúscio franziu o sobrolho, e Cato sentiu um tremor frio nas entranhas ao aperceber-se do que acabara de dizer. Inspirou de novo e corrigiu.

— Ajuda o Cálido! — Ergueu o braço e apontou, para ter a certeza que era bem interpretado. Fúscio virou-se e viu o chefe do bando a aplicar outro soco na sua vítima; agarrou com mais força a perna do banco e aproximou-se dele por trás, levantando o cajado improvisado bem acima da cabeça.

— Chefe, cuidado! — gritou alguém, e Céstio começou a virar-se. Mas não teve tempo para completar o movimento, e a perna do banco atingiu-o no cimo do crânio. O queixo caiu-lhe, enquanto soltava um gemido, e Fúscio aproveitou para lhe aplicar outras duas doses. O sangue escorria livremente, colando o cabelo do gigante ao escalpe. Fúscio mudou de tática e aplicou a ponta da perna contra o estômago do adversário, fazendo-o dobrar-se sobre si mesmo.

— É isso mesmo! — apoiou Cato, agachado, enquanto continuava a tentar chegar ao pé de Macro. Trocou alguns murros e pontapés com dois dos membros do bando e viu-se por fim ao lado do amigo. Entretanto, Fúscio tinha dado uma joelhada no rosto do oponente, e dera-lhe continuação com uma nova série de cacetadas na cabeça, até que o líder do bando caiu de costas, os braços a rodar, acabando por arrastar na queda outros dois homens a que tentara agarrar-se, numa confusão de membros humanos pelo ar.

— Cuidado! — gritou uma voz. — Chamaram a coorte urbana! Vamos mas é sair daqui!

Os primeiros elementos do bando separaram-se da confusão e dirigiram-se para a saída. Outros, ainda dobrados e a cambalear, seguiram-nos.

— O chefe! Está no chão. Tu aí, dá-me uma ajuda!

Dois membros do grupo apressaram-se a ajudar o seu atordoado chefe, pegando-lhe por baixo dos braços. Fúscio preparava-se para lhe dar mais umas pancadas, mas deteve-se, como se duvidasse da ética de golpear um homem indefeso, mesmo que fosse um brutamontes. Quando por fim o desejo de aproveitar a ocasião triunfou, já o chefe do bando tinha sido levado para perto da porta, e já as suas botas se agitavam, tentando ganhar tração para permitir ao seu dono pôr-se de pé. As duas partes tinham decidido de comum e espontâneo acordo interromper a escaramuça, e separavam-se com muitos olhares desconfiados, deixando mesas e bancos derrubados e rodeados por estilhaços de barro e poças e salpicos de vinho. O dono da taberna escondia a face nas mãos e soluçava, desesperado.

Cato ajoelhou-se ao lado do amigo. Macro estava no chão, apoiado a um pilar, os olhos a piscar enquanto o sangue corria dos cortes na sobrançelha, no nariz e nos lábios.

— Ei, Cálido? — chamou-o Cato em voz alta. — Está a ouvir-me?

— Ueeerggg. — Macro lambeu o lábio rachado e estremeceu, antes de

cuspir um coágulo de sangue. — Foda-se, o que é que aconteceu? O que é que me atingiu? — Os olhos abriram-se muito e por fim reconheceu Cato. — Miúdo! Estamos a ser atacados! Às armas!

— Está passado de todo. — Fúscio riu ao ajoelhar-se ao lado de Cato. — Levou uma cacetada tão grande que perdeu o juízo.

Cato assentiu. Receava bem que Macro, naquele estado, dissesse alguma coisa que os denunciasse.

— Fúscio, arranja-me um jarro de água. Depressa.

— Certo. — O jovem guarda levantou-se e dirigiu-se ao dono para lhe fazer o pedido. Enquanto este suspirava e ia buscar o que lhe fora pedido, Cato debruçou-se sobre o ouvido de Macro e sussurrou:

— Esteve a lutar e foi derrubado. Mas está tudo bem. Lembre-se da missão. Não diga uma palavra até conseguir falar de forma inteligível. Percebido? Macro! Diga-me se percebeu?

— Sim... Luta. Manter pinha fechada.

— Pois, isso mesmo. — Cato suspirou e deu-lhe uma palmada no ombro. Levantou-se ao ver Fúscio aproximar-se com um jarro de água, que lhe entregou. Cato recuou um passo, apontou e despejou o conteúdo sobre o rosto de Macro. A enxurrada fez com que Macro se agitasse e cuspsisse. Os olhos abriram-se muito e deu a sensação de que ia atacar a primeira coisa em que pousasse o olhar. Então reconheceu Cato e abriu a boca para falar, fez uma careta ao lembrar-se do aviso e voltou a calar-se. Respirou fundo por instantes e depois lançou uma pergunta com a voz ainda entaramelada.

— E o outro?

— Está a dormir. Graças aqui ao Fúscio. Se não fosse ele, a esta hora podia bem estar a caminho do Outro Mundo. Fúscio, ajuda-me a pô-lo de pé. Antes que cheguem as tropas urbanas.

Mas já era tarde de mais. O som de botas a martelar as lajes da rua ecoou por toda a praça. Os pretorianos ajudavam os seus feridos quando as primeiras tropas entraram na taberna. Um optio com uma longa vareta irrompeu na cena e olhou em volta.

— O que se passa aqui? Que confusão é esta? Disseram-me que havia aqui uma zaragata.

— Não — protestou Cato. — Estávamos aqui tranquilamente a beber um copo quando o bando do Viminal entrou por aqui adentro e começou a desancar toda a gente.

— Está-se mesmo a ver! — desdenhou o optio. — Sacanas de pretorianos, acham que me podem enfiar o barrete?

— É a verdade, caramba! — gritou-lhe Cato. — Saíram agora mesmo. Devem estar a caminho do Viminal. Se os perseguir agora e parar de perder tempo connosco, ainda os consegue apanhar.

— Apanhe-os, sim! — gritou o dono da taberna ao optio. — Alguém tem de pagar os estragos!

— E não vamos ser nós — disse Cato com firmeza. — O Imperador dará a sua sentença sobre isto. E não vai tomar partido contra os seus pretorianos. O melhor será ir atrás do bando.

O optio mordeu o lábio, virou-se e saiu da taberna.

— Vamos, rapazes! — Cato escutou-o a falar aos seus homens, e de pressa o som das botas a afastar-se encheu o ar.

Cato colocou Macro de pé e pôs-lhe o braço em torno dos ombros. Fúscio amparou-o do outro lado.

— Pretorianos! — avisou Cato — Vamos embora!

Cambalearam até à saída e seguiram numa coluna desordenada pelas ruas, a caminho do quartel.

— Obrigado por teres ajudado o Cálido — disse Cato a Fúscio por entre os dentes. — Provavelmente salvaste-lhe a vida.

— Foi, não foi? — A voz do jovem guarda estava inchada com orgulho. — Achas que ele vai ficar bem?

— Vai. Acredita, já passou por piores.

— Ótimo.

Prosseguiram em silêncio até que Fúscio se lembrou de uma coisa.

— É verdade, quem é o Macro?

Cato sentiu o coração parar por momentos.

— Macro? Devo ter bebido um copo a mais. O Macro era um amigo nosso lá na Britânia. Enganei-me. Foi só isso.

— Ah, bom — respondeu Fúscio, sem dar grande importância ao assunto. — Foi só um engano, então.